

RELATÓRIO PARCERIA CIAAT_GCH25

Belo Horizonte, 08 de Outubro de 2023

Sumário

INTRODUÇÃO	03
1. Pré-produção	04
1.1 Concepção da Parceria	04
1.2 Programação	05
1.2.1 Seminário	05
1.2.2 Workshop Produção e Gestão Cultural	07
1.2.3 Diagnóstico Cultural Participativo	09
2. Relatórios Execução	11
2.1 Seminário [Produto 1]	11
2.2 Workshop Produção e Gestão Cultural [Produto 2]	17
2.3 Diagnóstico Cultural Participativo [Produto 3]	20
3. Plano de Trabalho [Produto 4]	36
3.1 Sobre a Realidade Local	36
3.2 A Economia	41
3.3 Arte e Cultura	42
3.4 Apontamentos Diagnóstico Rápido Participativo	40
3.5 Plano de Trabalho GCH	42
CONCLUSÃO	50

INTRODUÇÃO

Em maio de 2023, estimulado por agentes culturais locais, o CIAAT - Centro de Informação e Assessoria Técnica procurou o Galpão Cine Horto (GCH) a fim de estabelecer parceria na construção de ações de fortalecimento do setor cultural do município de Governador Valadares. Compreendendo o seu papel de apoio à organização e união do setor, o CIAAT demandou ao GCH, a elaboração de um plano de trabalho (PTR) e relatou os principais pontos de atenção a serem observados no curso do trabalho:

- a) as atividades a serem desenvolvidas deverão ser viabilizadas exclusivamente pelo CIAAT e parceiros do setor cultural, pois identificou-se, inicialmente, ausência de interesse do governo local;
- b) o setor cultural deve ser considerado no desenho das ações. Acadêmicos, artistas, coletivos e iniciativas da sociedade civil deverão ser os principais atores envolvidos além de referenciados sempre que possível na perspectiva de que são eles o público-alvo desta ação reflexiva inicial e a eles caberá a continuidade, a ampliação e a efetividade das ações;
- c) a proposta a ser desenvolvida deverá deixar um legado concreto, seja no atendimento de interesse individuais de artistas e grupos na forma de projetos bem desenhados mas, sobretudo, no despertar e na identificação de interesses comuns que poderão ser encampados coletivamente;

Considerando os pontos de atenção explicitados pelo CIAAT e tendo como pano de fundo o acúmulo de 25 anos de experiências coletivizadas no teatro, o GCH apontou ser importante agregar uma pluralidade de artistas, grupos e coletivos locais para viabilizar e enriquecer a reflexão sobre as demandas reais vivenciadas pelos agentes culturais de Governador Valadares. Propôs, portanto, a construção de um plano de trabalho elaborado de baixo para cima, construído a várias mãos, um percurso de atividades formativas e participativas capaz de criar uma série de oportunidades de envolvimento direto dos artistas e produtores da cidade neste importante debate.

Na primeira proposta apresentada pelo GCH ao CIAAT, além das atividades formativas e participativas, havia uma apresentação artística do Grupo Galpão, grupo de teatro reconhecido nacionalmente e fundador do centro cultural Galpão Cine Horto. Mas, em função do alto custo da apresentação, não foi possível levar adiante a ideia de realizar, em praça pública, o espetáculo-sarau De Tempos Somos, cujo principal objetivo era a democratização do acesso à arte e à cultura e a formação de público. Além disso, a realização de uma apresentação do Grupo Galpão atrairia a mídia local, dando visibilidade à iniciativa do CIAAT com o setor cultural.

Não sendo possível realizar a proposta original por limitações no orçamento, o GCH providenciou a reformulação da proposta, desta vez, focada exclusivamente em ações de reflexão, formação e participação. Além da realização de atividades de escuta de representantes das diversas linguagens artísticas locais, houve um levantamento do perfil socioeconômico do público participante.

1. PRÉ-PRODUÇÃO

As tratativas entre o CIAAT e o Galpão Cine Horto iniciaram em maio de 2023, foram diversos encontros - virtuais e presenciais - para a equalização entre o desenho necessário capaz de atender à demanda apresentada por agentes culturais ao CIAAT em prol do fortalecimento do setor cultural de Governador Valadares e a prestação de serviço de assessoria técnica e artística do GCH, que desta vez ampliou seu escopo de artes cênicas (teatro) para arte e cultura em geral.

1.1 Concepção da Parceria

Para além da formalização da parceria, a etapa de pré-produção envolveu a tomada de decisão sobre:

- a) o formato das ações, a duração por dia e total, e o agendamento no calendário do CIAAT;
- b) os temas e os principais conteúdos a serem desenvolvidos em cada atividade;
- c) o perfil dos palestrantes e a sondagem de disponibilidade dos mesmos;

Quadro 1 - Reuniões realizadas entre CIAAT e GCH - 2023

Data	Tipo	Pauta
25 de maio, quinta-feira	online	Apontamentos iniciais
13 de junho, terça-feira	presencial - GCH	1º esboço e faixa orçamentária
16 de junho, sexta-feira	online	Proposta versão 1
10 de julho	online	Proposta versão 2
12 de julho	online	Ajustes orçamentários
23 de julho	online	Aprovação e Programação de cronograma
14 de agosto	online	Reprogramação de cronograma
24 de agosto	online	Contrato parceria
29 de agosto	online	Alinhamento falas de abertura e estratégias de comunicação
2 de setembro	presencial - CIAAT	Ação 1 e sequência da programação

5 de setembro	online	Ação 2 - estratégias workshop
19 setembro	online	Ação 3 - estratégias comunicação e mobilização
25 de setembro	online	Ação 3 - alinhamento metodológico

1.2 PROGRAMAÇÃO

1.2.1 Seminário

Objetivos:

1) Abordar a questão dos direitos culturais e o contexto específico da comunidade valadarense trazendo agentes culturais locais e não locais para compartilharem suas vivências e experiências; 2) mobilizar e refletir, coletivamente, sobre a importância da arte e da cultura na construção de futuro das cidades; 3) dar visibilidade às dimensões humana e social em que estão inseridas as atividades culturais, os diferentes modos de vida e os espaços de convivência comunitária, para que sejam valorizadas tal qual as dimensões ambiental, material e econômica.

Quadro 2 - Programação Seminário “Encontro: Arte, Cultura e Cidade”

Dia Foto	Horário	Atividade e Local
1º e 2 de setembro 2023		Programação SEMINÁRIO "ARTE, CULTURA E CIDADE"
SEXTA-FEIRA, 1º setembro	19h às 19h20	Boas vindas aos participantes e palestrantes
	19h20 às 20h	Palestra 1 : Tema “A cidade e a Cultura” Palestrante: Paulo Feitosa , Quitanda Produções (CE) - Empreendedor Social, Produtor e Gestor Cultural. Mestre em Ciências da Cultura e Comunicação pela Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD (Portugal). Fundador e diretor da Quitanda Soluções Criativas, negócio de impacto voltado para o fortalecimento da educação, produção e gestão cultural, através do desenvolvimento de programas e projetos socioculturais, de inovação e de sustentabilidade. Dedicou-se à gestão de políticas públicas para a cultura, como Secretário Adjunto da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult). <i>Participação remota.</i>

	20h às 20h20	<i>Apresentação Cultural</i> - Mari Mendes (voz e violão)
	20h20 às 21h	Palestra 2: Tema “Panorama da Cultura em Governador Valadares” Palestrante: Patricia Falco Genovez , doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (2003). Atualmente é professora titular da Universidade Vale do Rio Doce. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: formação histórica do território, metodologia de pesquisa, interdisciplinaridade, patrimônio cultural, história local, memória, história oral e territorialidades. <i>Participação presencial.</i>
	21h às 21h30	Debate com participação do público
SÁBADO 2 de setembro	14h às 14h20	Boas vindas aos participantes e palestrantes
	14h20 às 15h30	Mesa “Práticas Culturais em Governador Valadares: hoje e amanhã” Palestrantes: Coletivos Artísticos Locais - Ademir Martins, Fernanda Oliveira, Flávia Carvalho e Getúlio Foca . <i>Participação presencial</i>
	15h30 às 16h10	Palestra 1: Tema “Gestão de Pequenos e Médios Espaços Culturais” Palestrante: Chico Pelúcio - Diretor do Centro Cultural Galpão Cine Horto. <i>Participação remota.</i>
	16h10 às 16h30	<i>Apresentação Cultural</i> - Dora MC (Coletivo Deck)
	16h30 às 17h10	Palestra 2: Tema “Fontes de Financiamento e Produção Cultural” Palestrante: Tiago Alvim – Cofundador da Nexo Investimento Social e da Startup Prosas. Idealizador da Rede Igapó. Graduado em administração pública pela Fundação João Pinheiro e mestre em Administração pela UFMG. Atuou como gestor no Governo de Minas e foi consultor para diversas organizações, incluindo o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Empreendedor. <i>Participação presencial.</i>

	17h10 às 17h40	Debate com a participação do público Mediação
	18h	Encerramento

1.2.2 Workshop de Produção e Gestão Cultural

Objetivos:

Realizado em parceria com a Agentz Produções Culturais, importante produtora belorizontina que integrou a equipe do Galpão Cine Horto na primeira década do centro cultural, este workshop tem como objetivo: 1) resultar em projetos culturais que irão consolidar objetivamente demandas culturais locais; 2) promover um espaço prático de escrita de projetos tendo em vista a abertura de editais a partir da liberação de recursos das Leis Paulo Gustavo (2023) e Aldir Blanc (2024) pelo governo federal; 3) estimular a comunidade em geral a refletir sobre a complexidade da atuação de um produtor e gestor cultural; 4) refletir sobre direitos culturais, democratização e acesso, formas de organização e de sustentabilidade das iniciativas locais;

Objetivos Específicos:

1) preparar os participantes para atuação no mercado cultural; 2) oferecer consistente aparato técnico, prático e teórico que oriente o processo de produção de diversas linguagens artísticas e de outros bens culturais; 3) capacitar o aluno para conseguir promover a integração entre a criação artística e os processos administrativos inerentes à produção cultural; 4) compartilhar metodologias e ferramentas que auxiliem a gerência de projetos.

Quadro 3 - Programação Workshop Produção e Gestão Cultural

Conteúdo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Planejamento estratégico; 2. Formatação de projetos; 3. Financiamento cultural: leis de incentivo, fundos culturais, editais, financiamento internacional, financiamento coletivo ou crowdfunding (análise de casos de processos de cooperação cultural em redes) entre outros; 4. Captação de recursos; 5. Contabilidade/administração financeira/Legislação tributária e trabalhista; 6. Direitos autorais; 7. Comunicação: mídia e marketing, assessoria de imprensa; 8. Práticas de produção: Metas e orçamentação, cronogramas e checklist, especificidades internacionais, curadoria/ programação, construção de equipe, infraestrutura e equipamentos, documentação e liberação, fornecedores, listado “e
-----------------	--

	se”, logística e públicos; 9. Pós-produção: Avaliação de resultados, indicadores, pesquisa, prestação de contas e clipagem.
Metodologia	Encontro presencial para aula expositiva e estudo de casos.
Duração	Encontro presencial - 04 dias de 2h30 cada. Total de 10h/aula.
Perfil de participantes:	Artistas, produtores culturais ou outros profissionais que atuem no setor cultural ou que tenham a intenção de atuar na área.
Número máximo de participantes:	20
Minibio Oficina	 <p>Fernanda Vidigal é graduada em comunicação social com especialização em gestão cultural. Em 1999 abre a Agentz Produções Culturais, empresa especializada em produção executiva de eventos, espetáculos, shows, mostras, festivais e em formação, planejamento e gestão de projetos e programas culturais. Em 2001 cria o Festival Mundial de Circo, primeiro festival internacional dedicado exclusivamente ao circo na América Latina com 21 edições realizadas em Belo Horizonte e cidades do interior de Minas Gerais. Entre 2017 e 2019 ocupa o cargo de Diretora de Políticas Culturais e Participação Social da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte/ MG. Realiza cursos de produção executiva, planejamento e elaboração de projetos culturais por todo o Brasil.</p>

1.2.3 Diagnóstico Cultural Participativo

O **diagnóstico participativo** é um processo COLABORATIVO E INCLUSIVO que envolve a participação ativa de indivíduos, comunidades ou grupos interessados no entendimento e análise de uma determinada situação, problema ou questão.

Trata-se de um método que visa engajar as partes interessadas, como membros da comunidade, analistas ou especialistas, para coletar informações, avaliar a situação, identificar necessidades, desafios e oportunidades. Nesse processo, as pessoas que estão diretamente envolvidas ou afetadas pelo problema têm a oportunidade de expressar suas perspectivas, conhecimentos e experiências.

É uma abordagem que valoriza a diversidade de opiniões e busca alcançar um entendimento mais abrangente da situação em questão. O objetivo do diagnóstico participativo é construir um conhecimento coletivo que seja mais preciso, contextualizado e aplicável à resolução dos problemas identificados. Além disso, ele promove o empoderamento das pessoas ao envolvê-las ativamente no processo de tomada de decisões e na busca de soluções mais eficazes e sustentáveis.

Objetivo:

1) elaboração e validação de eixos do debate em reunião ampla e aberta; 2) construção de propostas por GTs e desenvolvimento do debate em grupos menores; 3) compartilhamento dos debates realizados nos GTs para todo o grupo.

Conduzida pelo GCH e com apoio do CIAAT, é realizada em um único final de semana. Necessita de ambiente imersivo, possui de 12h a 16h de duração, metodologia interativa por meio de cartografia cultural, GTs e dinâmicas em roda. Os registros e painéis das discussões serão a base para elaboração do Plano de Trabalho.

Quadro 4 - Programação Diagnóstico Cultural Participativo

Dia	Horário	Atividade
SEXTA 29 de setembro	19h às 22h	Plenária - Boas-vindas; Cartografia; Debate sobre EIXOS
SÁBADO 30 de outubro	8h30 às 12h30	Validação dos EIXOS e Divisão em GTs - Grupos de Trabalho - Discussão por eixo temático e Levantamento de demandas por tipologia de ação (Formação de Público, Desenvolvimento Artístico, Territórios, entre outras tipologias que poderão ser identificadas ao longo do Seminário e Oficina Facilitação
SÁBADO 30 de outubro	14h às 18h	Discussão em GTs; Leitura de propostas em plenária;
SÁBADO 30 de outubro	19h às 22h	Encaminhamentos em plenária. Avaliação. Encerramento
Minibio Mediadoras 	Laura Bastos	Laura Bastos é gestora de projetos sociais e culturais, mestra em Administração Pública pela FJP, especialista em Elaboração, gestão, monitoramento e avaliação de projetos sociais (UFMG). Trabalhou na gestão de espaços culturais e política pública de juventudes. Atualmente, colabora com o Circuito Municipal de Cultura de Belo Horizonte, é co-gestora no Galpão Cine Horto e prepara a publicação de um livro-zine sobre participação a partir da experiência do Comitê Gestor do Centro de Referência das Juventudes de BH.



Samira Ávila

Samira Ávila, atriz, diretora de artes cênicas, arte educadora e gestora executiva de projetos sociais, culturais e políticas públicas de juventudes. Atualmente é gerente executiva do Galpão Cine Horto e da política pública municipal Circuito Municipal de Cultura, por meio do Instituto Odeon, e desenvolve pesquisa de mestrado em Artes da Cena na Pós-graduação da Escola de Belas Artes da UFMG. Foi por 5 anos Gerente Executiva do Centro de Referência da Juventude, da Prefeitura de Belo Horizonte e antes disso, gestora das políticas públicas de educação e cultura do Governo do Estado voltado para as juventudes, o PlugMinas - Centro de Formação e Experimentação Digital - e o Programa Valores de Minas, onde também somava funções de diretora artística e coordenadora da área de teatro. Presidiu o Comitê de Gestão Compartilhada do Centro de Referência da Juventude, além de integrar outras comissões do poder público que visam as garantias de direitos das juventudes.

2. RELATÓRIO | EXECUÇÃO

2.1 Seminário [Produto 1]

Dia 1

O primeiro dia do Seminário reuniu cerca de 60 participantes. O perfil socioeconômico dos presentes, demonstra uma maioria de produtores culturais além de artistas. O CIAAT abriu o Seminário agradecendo a presença do público presente, explicitou o propósito do encontro de fortalecimento do setor cultural e anunciou o desejo de realizar outras ações após o Seminário.

A palestra do gestor público **Paulo Feitosa** apresentou uma trajetória de 20 anos de carreira iniciando como operador técnico até a sua especialização em projetos de interesse público e impacto social com caráter replicável e escalonável, mesclando cultura, educação e inovação social. Os projetos promovem o desenvolvimento de territórios, utilizando a ação social como via de transformação de pessoas, economias e infraestruturas.

Paulo destacou que a ação cultural só é bem sucedida quando sistêmica, sendo necessário redesenhar o modelo de sociedade. A ação cultural tem potencial para ser uma metodologia de regeneração de espaços públicos. Para as ações que desenvolve, sempre envolve arquitetos, designers, novos mobiliários urbanos e identificação da vocação do território. Caracteriza as ações como intersetoriais, ou seja, que envolvem o diagnóstico social, físico e estrutural. Principais projetos: Lab Cidades Criativas, Beco do Céu - lugares revitalizados, revitalizam pessoas; Cine+, formação, apresentações em pequenos formatos - 20 jovens recebem formação em administração, gestão de cinema e curadoria - formação para gestores de salas.

As fontes de financiamento ultrapassam leis de incentivo e editais culturais, atua via ICMS, por meio de termo de ajuste de condutas para empresas em débito com governos, visando o desenvolvimento humano e desenvolvimento de territórios. Ex. Aneel - agência reguladora - destina 3% via lei ao desenvolvimento de território. Sendo assim, faz-se necessário cobrar do poder público, mas também propor. Utiliza pesquisas estatísticas e indicadores para comprovar as vulnerabilidades do local, para tanto é fundamental compreender as métricas e as ferramentas de precificação da ação cultural.

Nota-se que a palestra de abertura proporcionou aos participantes observarem projetos que são simultaneamente de carácter cultural e de impacto social, uma combinação que é tendência nos editais culturais públicos e na construção do pensamento sobre política cultural.

PONTOS DE ATENÇÃO - GCH:

1. Interessa mensurar a demanda por **formação de agentes culturais em ação cultural de impacto social**, considerando que as instâncias governamentais, hoje, trabalham com o marco **MROSC** por meio de **OSCs**?
2. Qual formato atenderia os agentes culturais, o **exercício da escrita** de projetos culturais aliado ao aprendizado na construção de **metas, formas de mensuração e indicadores**?

- | |
|---|
| <p>3. Interessa ao setor cultural de GV, criar um observatório das oportunidades de financiamento e captação de recursos via leis, fundos e ajustes de conduta? Como viabilizar uma ação coletiva como esta? Como repartir responsabilidades de um projeto com benefícios coletivos?</p> |
| <p>4. Como potencializar agentes do setor cultural de GV criando parcerias sólidas? Ex. O Galpão 205 conhece as dinâmicas do trabalho de startup de impacto social. Interessa um projeto piloto coletivo desta rede de agentes culturais? Quantos agentes culturais têm interesse e poderiam ser beneficiados? Há outras parcerias em potencial? Há uma rede se constituindo ou se fortalecendo?</p> |

A segunda palestra foi ministrada pela **Prof. Patrícia Falco Genovez**. Ela demonstrou, por meio de registros históricos da cidade, como a história oficial de GV é predominantemente a visão do colonizador. Ao final da palestra, a professora provocou: Quais outras histórias estão submersas sob a história oficial, a história da Mata, dos Povos Originários, dos Botocudos (Krenaks, Pataxós, Maxakalis), a história da população preta. E ainda: se a estrada de ferro foi um símbolo da modernidade, qual seria essa modernidade? Junto a isto trouxe um dados marcante para GV que é a emigração de capital, o êxodo de grandes quantidades de grupos humanos tendo o ano 2000 como um marco no agravamento deste fenômeno. Mais recentemente o rompimento da barragem do Fundão e a contaminação do Rio Doce por metais pesados, a deterioração da dimensão ambiental e natural em GV. Por fim, a utilização do termo cultura no plural, “culturas” como forma de incluir a todos.

QUEM SOMOS - EM DEBATE

- | |
|--|
| <p>1. “Certamente este é um movimento de contracultura, o ambiente não nos quer, somos bloqueados. A praça não está disponível para nós, somos empurrados para as fronteiras” Toninho</p> |
| <p>2. “Será que esta elite tem essa força toda? Ou somos nós que não fomos capazes de nos articular com os territórios? Quais as articulações possíveis?” Fernando</p> |
| <p>3. “Qual o meu papel neste lugar? Na ditadura, o grupo Corda dizia: o último a sair apaga a luz! Esta não é uma história de resistência mas sim de reexistência” Terezinha</p> |
| <p>4. “Em GV, a ancestralidade é buscada por meio da religião. Como se descobrir enquanto sujeito fora da religião?” Felipe</p> |
| <p>5. “Em documentos da ditadura, GV é um lugar muito violento. Por que sumiram as parteiras, as benzedeiças, por que os distritos por perto são pouco conhecidos? As pessoas dizem: eu vou na cidade!, como se não estivessem na cidade. Para acessar a memória local é necessário escavar os escombros.” Arthur</p> |

Registros Seminário - dia 1º de setembro:



Dia 2

No dia seguinte, sábado à tarde, com cerca de 40 participantes presentes, o CIAAT abriu o segundo dia de trabalho e apresentou os integrantes da Mesa Coletivos Locais.

A Mesa **Coletivos Locais** apresentou quatro artistas - Flavia Carvalho apresentou sua experiência de gestora cultural no Sesc e o uso das redes sociais para repercutir os trabalhos que realiza. Relatou que na administração pública local há o Conselho de Patrimônio. Já o Conselho de Cultura aprovado e não implementado é uma estrutura que vem do formato federal, complexa e que depende de debates setoriais para ser formada. Relata que há um GT Cultural onde é debatido a efetivação do Conselho por meio da 1ª Conferência Popular de Cultura.

Ademir apresentou o projeto Carabina, seu trabalho junto às escolas públicas, sua relação com o teatro, a arte de atuar e a igreja. Seu envolvimento com o sindicato, a comunicação social e a publicidade. Destacou o trabalho voluntário que realiza há 15 anos viabilizando o FENTA - Festival Nacional de Teatro de Governador Valadares, que envolve artistas e artesãos da cidade, priorizando a valorização dos artistas locais.

A Fernanda do Coletivo Deck trouxe a filosofia do hip hop, de estar sempre em movimento nos territórios, contou que se organiza na rua, com coletivos urbanos, Fica Vivo e Projovem Urbano, cerca de 40 MCs ligados direta ou indiretamente ao Deck. Atendem jovens em situação de semiliberdade, escolas públicas e escolas de rua.

Trata-se de um negócio social que desenvolve tecnologias sociais para o desenvolvimento local com especial foco nas violências diretas e simbólica sofridas por populações periféricas vulnerabilizadas. O coletivo lida com a tentativa de criminalização de suas ações, com a violência política, simbólica e policial. Participou de editais que recusaram o projeto do coletivo com justificativas questionáveis como ausência de portfólio sendo que havia sido inserido portfólio no projeto.

Principais projetos: Santos Dumont (Favelinha), Sertão, Documentário Seletiva de Batalha de Rimas, regional e estadual, Clipe Arte - Favelinha pintada, Casa Cumbuca - casa de cultura alugada com dois estúdio e uma sinuca, Caravana Hip Hop em 5 distritos da cidade: bairro Vitória (limpeza do lixo do bairro e casa de cultura comunitária); bairro em guerra com o tráfico (trevo SP, bairro Ibei e pista de skate); São Raimundo e Altinópolis (festa do Agronegócio e apologia ao extermínio dos povos indígenas); distrito de Baguari (em dia de ação cultural, atraso nos ônibus, passagem mais cara da cidade e toque de recolher às 21h). Fernanda destaca que a cidade é voltada para uma cultura de elite.

O Getulio Foca atua com o Coletivo Pedra Negra, é mobilizador social nas linguagens do teatro, música - pagode, entre outros. Atuou em grupos da igreja e destaca a importância do diálogo entre cultura e educação.

PONTOS DE ATENÇÃO - GCH:

<p>Como atuar via Conselho de Patrimônio que está ativo no governo municipal? Quem está neste Conselho que tem interseção com a cultura? É possível estabelecer um diálogo direto entre atores do Conselho, envolvendo tanto patrimônio material quanto imaterial, capaz de avançar em alguns aspectos do setor cultural?</p>
<p>Como dar andamento ao debate sobre o Conselho de Cultura? Qual a estratégia da Conferência Popular de Cultura, como pode desdobrar?</p>
<p>É importante profissionalizar iniciativas longevas como o FENTA? Desde a elaboração do projeto, construção de clipping, captação de recursos, preparação e formação de equipe, relacionamento com patrocinador, envolvimento da classe artística em etapas estratégicas do projeto, mobilização dos diversos públicos, uso do espaço público, parcerias com o setor privado, descentralização da programação artística e formativa, plano de comunicação, prestação de contas?</p>
<p>A atuação do Coletivo Deck é mensurável? Quais os indicadores trabalhados hoje? O Coletivo tem interesse em modelar sua atuação para que seja replicável e escalonável? Qual diferencial do Deck, como o público recorda as ações do Coletivo? Qual o patrocinador local que compartilha ou pode vir a compartilhar dos valores trabalhados pelo Deck? Qual o plano de expansão do Deck, quantos territórios já são trabalhados, quantos ainda podem ser? O que falta para o Deck se consolidar como o principal articulador de arte e cultura nas periferias de GV? Quem são seus concorrentes diretos, o que os diferencia?</p>
<p>Qual a via independente ou em parceria com o poder público com percurso mais direto para proporcionar capacitação e multiplicação do trabalho de mobilizadores sociais e educadores populares? Que tipo de projeto de arte educação pode ser estruturado na perspectiva de longo prazo em parceria com as escolas da rede pública, ex. do projeto Carabina entre outros?</p>

A palestra do gestor de espaço cultural **Chico Pelúcio** destacou a importância de um centro cultural na saúde e sobrevivência de uma comunidade. Na definição de Marta Porto, o centro cultural como espaço/lugar/tempo, deve promover encontros que afetem os sujeitos. O frequentador sai do centro cultural diferente de como entrou. A Lei Aldir Blanc usa um conceito de espaço cultural ainda mais amplo, trata-se de todo movimento nesse sentido, em praças, casas, festas populares, livrarias, sebos, ateliers.

Alguns aspectos importantes, destacados por Chico, para se pensar o centro cultural: aspectos físicos - como esse espaço pode ser ocupado; pessoas envolvidas - com a existência do espaço, qual a vocação do espaço?; diálogo com a comunidade/território - no GCH acontece a reunião de artistas no entorno e esses artistas, bares e espaços, movimentam a Zona Leste; centro cultural como lugar instigante.

Destaca também que é importante “ler” a comunidade artística, pois no setor cultural as demandas mudam rapidamente, sendo necessário mover expectativas assim como os gestores precisam estar sempre atualizados. Outro ponto importante é a diversificação das fontes de financiamento, tais como receitas próprias, fundos, etc para além das leis de incentivo e editais para o setor cultural. Nesse sentido, é necessário ampliar o olhar para o setor cultural conjugando ação artística com ação social.

O universo básico do financiamento cultural é composto por poder público, segmento privado e sociedade civil. O primeiro é o lugar para se cobrar direitos, em termos de capacidade, o setor cultural deve ser, no

mínimo, igual ao poder público e de preferência melhor. Em relação ao segmento privado, predomina um pensamento tacanho, já a sociedade civil deve buscar estabelecer um diálogo fácil e aberto, é onde a classe artística se organiza com maior continuidade.

Perguntas do palestrante:

Quais as ações coletivas que deram certo no país? [Buscar referências concretas]
Como atuar transversalmente na comunidade? [O que fortalece a comunidade e fortalece o espaço cultural - ganha-ganha]
Revisitar a missão da organização para ter um planejamento de médio e longo prazos é sempre importante. [Sua organização tem uma missão, já fez essa discussão?]
Como formar público cativo para as artes? Considerando que é por meio do ser humano que a arte se torna central por uma vida inteira, tornando-o sensível e colaborativo. [Projeto estratégico para a sobrevivência do espaço cultural, formar público é criar sentido para a existência de todo um setor cultural]

PONTOS DE ATENÇÃO - GCH:

Quais são os espaços culturais, públicos e privados de GV? Como eles interagem e afetam os cidadãos de GV? Desses espaços, há algum que dê conta de promover saúde e espaço de respiração por meio da arte e da cultura?
O território dialoga com o espaço cultural, o espaço cultural influencia na reformulação do território e vice-versa? Qual a vocação do território? Quais as demandas culturais e sociais mais urgentes no território? É possível atuar sobre elas?

A última palestra foi do fundador da plataforma Prosas e do jornal Nexo, **Thiago Alvim**. Thiago é natural de Governador Valadares e discorreu sobre financiamento cultural. De acordo com Thiago, há dois papéis a serem desempenhados: o de concepção do projeto e o de execução do projeto. As formas de execução podem ser: execução direta, execução indireta, fomento direto, fomento indireto. A depender do mecanismo de incentivo, o protagonismo é do Estado (editais governamentais) ou da sociedade civil (projeto de lei de incentivo), ou dividido (PPP) entre eles.

Até dezembro de 2023, os seguintes recursos serão destinados:

LPG GV: 2.248,642 até 30 de dez. | 70% de audiovisual

LPG MG: 181.464,789 até 30 de dez. | 70% de audiovisual

LEIC MG: 150 milhões

LEI ROUANET: > 2,2 bilhões

LAB: vem por aí por cinco anos, em torno de 6 bilhões

Ao elaborar seu projeto, refletir sobre:

Como este projeto me deixa mais forte para as próximas rodadas?
Como demonstrar para os outros atores as vantagens da boa aplicação dos recursos exclusivos para GV?
É interessante elaborar propostas de projetos coletivizados ?
Qual o modelo de autogestão colaborativo capaz de inspirar o setor cultural de GV?

Debate sobre Financiamento:

“Não está na nossa história as articulações sociais ” Flávia
“A realidade hoje é que a polícia tenta parar as manifestações culturais na cidade” Ademir
“ Quais pessoas nossas estão hoje na Câmara nos representando enquanto setor cultural? É preciso conhecer mais sobre a LDO de GV. Da mesma forma, conversar sobre LPG com a prefeitura.” Ademir
“Na reunião das lideranças dos coletivos, desenvolver o que precisa de gestão para apoiar e fortalecer os coletivos. Atuar por meio de ações simultâneas e paralelas.” Fernando
“Quem será a próxima liderança do teatro? Não há formação de lideranças. ”
“Não quero mais trabalhar de graça”

Registro Seminário - dia 2 de setembro:



2.2 Workshop Elaboração de Projetos **[Produto 2]**

A atividade foi realizada no Galpão 205, espaço cultural local, uma parceria com agentes culturais locais. Fernanda se apresentou e destacou sua especialização em Festivais. Iniciou a apresentação de slides enfatizando o elo entre PENSAMENTO DIVERGENTE > CRIATIVIDADE > INOVAÇÃO. Foram cerca de 16 agentes culturais presentes no primeiro dia com rotatividade, em um total de atendimento de 20 pessoas para além do pessoal do CIAAT. Todos puderam se apresentar e a maioria se apresentou enquanto artistas-produtores.

Fernanda propôs um pitch de cinco minutos de Para casa, para exercitar o poder de síntese/venda ao apresentar seu projeto.

Sobre **elaboração de projetos**, Fernanda deu algumas dicas importantes: a) pensamento divergente significa muitas respostas para uma mesma pergunta > criatividade > inovação - necessário reconectar com o imaginário, como ter disposição para criar, inovar?; b) conhecimento, necessita ter curiosidade de pesquisar, entender aquela questão na sua cidade, no país, no mundo, com diferentes públicos, crianças, juventudes, idosos. Conhecer referências de projetos, de pessoas que realizam esses projetos; c) participação ou iniciativas da sociedade civil - o poder público só chega junto com pressão; d) quando há diversidade, coletividade - o projeto se torna mais rico do que quando é individualizado; e) construir repertório constantemente; f) independência e liberdade - aceitas as possibilidades do acaso, ser receptivo ao novo, ter disposição para criar; f) compreender qual o seu diferencial; g) não deixar a escrita para a última hora; h) impacto do projeto - qual legado deixará?

Sobre **ação cultural**, Fernanda trouxe diversos elementos que qualificam suas ações, são eles: a) criativo e participativo; b) gerar comprometimento e confiança; c) criar afetos, fluxos e processos colaborativos; d) otimizar tempo; e) mudar mentalidade ou hábito; f) ter transparência de dados; g) deixar um legado para a cidade; h) diversidade; i) caráter transformador, ex. transformar a praça com um mutirão ou uma comemoração.

Sobre o ciclo **de projetos**, conectou as etapas de informação > planejamento > ação > observação > análise > avaliação.

Especificamente sobre planejamento, Fernanda propõe que é preciso pensar muito, refletir bastante antes de executar. Ao estabelecer objetivos, a execução e a tomada de decisão fica mais fácil. É necessário antecipar problemas, e integrar comunicação e mkt.

A palestrante trouxe o exemplo do Fórum dos Festivais que periodicamente busca o poder público para garantir política pública para os Festivais. Reforçar que diante de tanta gente, tantas representações, o poder público não tem como recusar a pressão.

Na elaboração de projetos como Festivais, orienta que o projeto deve conter as linhas gerais do festival e a parte de curadoria fica para uma etapa após a captação de recursos.

Apresentação de Pitch dos participantes.

Quadro 5 - Síntese PITCHs:

Christopher:

Praça Cultural - ação continuada de acesso e democratização da cultura, direitos culturais. Plano mínimo 4 vezes por ano, plano máximo 8 vezes por ano. Público-alvo: jovens. Justificativa com dados de vulnerabilidade juvenil nos locais de realização. Programação básica: espaço instagramável, oficina de fotografia e audiovisual.

Zana:

Site Giro Cultural - pretende apresentar artistas locais e visitantes, além da programação cultural de Governador Valadares. Interface site, youtube, insta, tik tok. Importante ferramenta para marcar imprensa e fornecer material. Pode incluir a divulgação física e desenvolver outras abas como crítica cultural e podcast (ampliar produtos). A proposta pode estar atrelada ao desenvolvimento sociocultural da cidade;

fomento ao turismo cultural; necessário pensar o atendimento a diferentes públicos. Pesquisa referências de programação cultural , ex. Palco BH, Culturadoria entre outros. Possibilidade de suportes diversos, parceiros para o fornecimento de internet gratuita nas periferias, criar etapas para avançar com o projeto.

Mariana:

Festival de Cultura Popular de GV - cortejo, feira, gastronomia, intercâmbio cultural - Arte como meio de fortalecimento da saúde mental. A proponente é fundadora do grupo Maracatu. Utiliza o mapeamento da Universidade para planejar o Festival, territórios da capoeira, dos terreiros, manifestações populares Justificativa é que não existe um festival como este apesar das riquezas desses saberes em GV, evitar o apagamento das identidades. Referência é o Festivale, direcionar para formação de público, sugere-se um grupo convidado, prêmio para estandarte, figurino, nome Festival da Cultura Popular do Rio Doce (aproximação com interesses de potenciais patrocinadores)

Kika:

Trançando Vidas - público -alvo são mulheres negras, a justificativa é a valorização da identidade cultural e estética afro-brasileira. Cultura atrelada ao trabalho e a renda para mulheres pretas, faixas etárias diversas. Além da questão estética com oficinas de tranças, promove rodas de conversa sobre vivências pretas e aumenta a autoestima.

Tatiana:

Grupo Experimental de Dança Contemporânea - Em GV a prática de dança acontece por meio do ballet e do jazz, este projeto trará a Dança Contemporânea para a centralidade. Trata-se de uma dança mais livre, que pode ser formada por diferentes corpos, cerca de 10 pessoas experientes, com bolsa, 11 meses de aula com três profissionais convidados ao longo do ano (provocadores da dança) + criação de um espetáculo de relevância. Justificativa: trata-se de uma nova linguagem em GV, formação de público para a dança. Referência Grupo Corpo. Democratização do acesso à arte nas apresentações. Perfil: Fundo e Prêmio Klaus Vianna, atrelar ajuda de custo, aluguel de sala, separar a formação (fundo) da apresentação (incentivo). Outras sugestões: na ficha técnica acrescentar formação para a diversidade, grupo heterogêneo saudável (qual a população de GV? refletir essa população na sua composição)

Keyla:

Cultura Ancestral de Produtos naturais e medicinais - refletir sobre cultura indígena, Curso de 1 ano de capacitação para jovens (corte de cabelo, tinturas e transição capilar). Feira de produtos inovadores e naturais (buscar produtores locais e regionais). 5 a 10 anos com certificação. Enfatizar o produto cultural (trabalhar o produto por meio da memória de povos originários da região, como promover o pertencimento desses povos ao projeto, ex. grupo indígena se apresenta na feira? Conectar às questões de patrimônio imaterial. Levantar dados desde 2016, reconhecimento e valorização. Ou é um projeto de geração de renda? Definir melhor.

Dafne:

Residência Artística da Cultura Ballroom - a proponente participa de movimentos sociais, comunicação e cultura. Justificativa: baixa expectativa de vida de pessoas da comunidade LGBTQIAP+. Observatório Criativo tem um núcleo de pesquisa, articulação e formação de rede que hospeda informações de artistas LGBT. Importante ocupar praças. Ação prévia seria Oficina de Desenvolvimento de Portfólio para dar visibilidade às artistas LGBT de GV (link e PDF, o Instagram pode ser portfólio). Acrescentar Consultoria de MKT e Oficina de audiovisual. Sugestões: Fundo direto, não precisa focar somente em público LGBT

PONTOS DE ATENÇÃO - GCH:

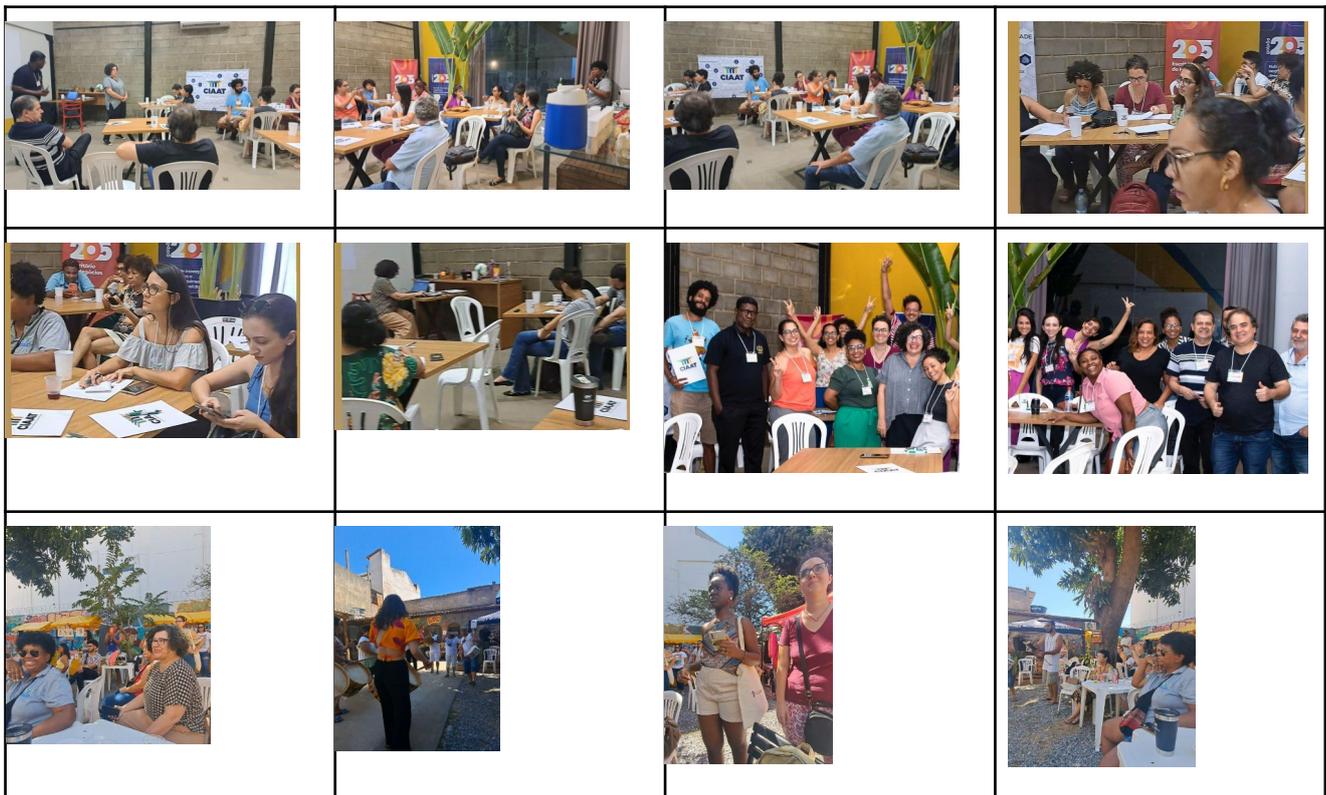
Geralmente em GV, há problemas de transporte público para se chegar até a ação cultural. **Como sanar a sistemática de falta de transporte e baculejos para acessar a ação cultural em GV?**

Fernanda sugere a formação de uma comissão para ir até o Batalhão informar o que vai acontecer e pedir que participem distantes, observando e não próximo ou dentro da ação. A ação será coordenada de perto pelos interlocutores presentes (apresentar o grupo individualmente ressaltando as experiências e formações, além das características complementares que valorizem o grupo). Gasta-se muito tempo fazendo acordos. É importante que o setor se organize e faça acordos coletivamente, e cumpra sua parte no acordo.

Interessa manter um “serviço de **construção e atualização de portfólio** para artistas locais?” Fernando

Interessa “**criar uma Associação de Artistas e Produtores Culturais** de GV com o CIAAT na Diretoria?” Christopher

Registros workshop:



2.3 Diagnóstico Cultural Participativo [Produto 3]

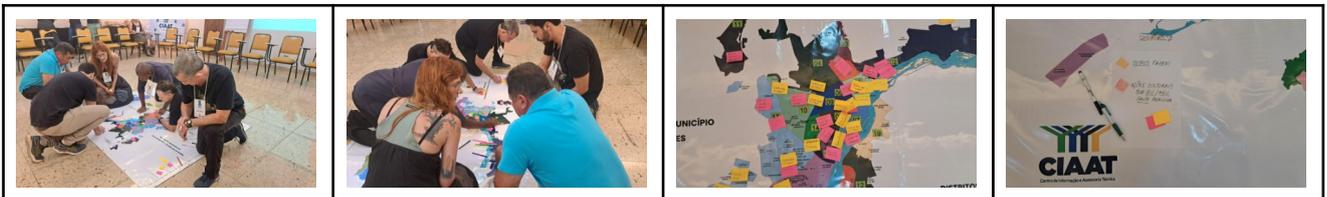
Em reunião de preparação para o Diagnóstico Cultural Participativo, alguns pontos importantes foram destacados para esta fase: a) uma boa amostragem, necessita de uma **mobilização local** efetiva; b) a **comunicação**, e os vídeos-convites para as redes sociais, precisam ser **didáticos e atrativos**; c) **parcerias** com artistas e organizações culturais locais para envio de um representante;

O CIAAT planejou a mobilização por mailing coletado pela prefeitura (LAB), contratou carro de som e realizou envio de zap. Da mesma forma, cuidou para que a divulgação fosse didática e objetiva com vídeos-convite complementares.

Realizado em formato de roda, o primeiro dia de Diagnóstico foi marcado pelas boas vindas do CIAAT, apresentação dos objetivos e metodologia do trabalho por parte do GCH, assim como a apresentação e reconhecimento das pessoas presentes.

Ao chegar e aguardar o início da atividade, o participante encontrou um lanche com café. Em seguida, foi convidado a participar da montagem de uma cartografia cultural da cidade de Governador Valadares. Com duas opções de marcação: i) *post it* rosa para demarcar onde o participante realiza atividades culturais e ii) *post it* laranja para demarcar atividades culturais de terceiros.

Registros cartografia cultural:



Link cartografia GV Cultural:

<https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=10AEVBU32OtyIE-6yxjYQEPHYE7jKf2I&usp=sharing>

A atividade de apresentação foi planejada para ser sucinta. No entanto, por ser este o primeiro momento do Diagnóstico em que houve abertura da palavra/escuta, e percebendo que havia demanda de falas, abrimos um espaço mais dilatado para que os participantes pudessem se apresentar (nome, bairro, área cultural e expectativa para o diagnóstico).

Quadro 6 - Roda de Apresentação dos participantes:

Nome e Bairro	Área artística	Expectativa
Tatiana, Morada do Vale	Professora de dança. Realiza a Semana da Dança, traz professores renomados.	Estimular a aderência à causa da dança. Deseja se envolver com o setor cultural.
Kênia, Morada do Vale	professora de artes (teatro e cinema)	Deseja inserção no cenário cultural de GV.

Kika, reside no Maria Eugênia	de Aracajú, artista plástica, professora e tatuadora	Deseja um mercado cultural em GV, inserção e união do setor.
Herbert	químico de cosméticos, atua com a comunidade LGBT em espaços periféricos.	Deseja remobilizar a associação que articulava comunidade LGBT e espaços periféricos.
Corvo	movimento hip hop, Coletivo Deck, juventude periférica, agroecologia e MST	Desejo de colar e somar
Fernanda	Coletivo Deck, Deck arte	Criar ferramentas para projetos serem mais responsivos aos movimentos que estão emergindo nas quebradas. Pensar junto.
Pedro	grafite, Coletivo Deck	
Fabio	professor ed. musical e artesão de instrumentos	Em GV desde 2005 com Tambarte. Deseja mais união e apoio dos artistas locais. Dar um up na cena cultural de GV. Não deixar morrer o artesão de instrumentos.
Wilton	desenhista aposentado, atualmente desenha em Corel Draw (digital) e faz formas de silicone	Quer a união do setor. Pessoalmente, gostaria de dar um direcionamento ao Palácio do Açucareiro.
Keyla	cabeleireira e produtora	Na pandemia criou cursos online: a arte de colorir os cabelos, workshop cabelos afro. Cabelo é cultura. Tem expectativa de mapeamento da ancestralidade de GV.
Ronaldo	instrutor do Carnapina, carnaval de rua de GV. Nasceu na avenida.	Os eventos de rua encontram muitos empecilhos em GV.
Marcela		Apoia a Virada Cultural de GV. Não teve acesso à cultura quando criança, quer mudar as coisas para a filha ter mais acesso. Deseja, especialmente, uma programação cultural para crianças. Cultura como meio para proporcionar saúde mental às pessoas.
Arthur, de Santa Rita, comunidade ribeirinha	pixo, dança, performance, maracatú, rezadeiras, benzedadeiras,	Deseja preservar a cultura popular que lhe foi passada.
Flavio, de Muriaé	pintor	Produz poucos, contribui pouco com a cidade. Tentou interagir com grupos via pinturas. Deseja

		contribuir mais com a cidade.
Marina	gestão e captação ambiental, consumidora de cultura, faz parte de um coletivo de rock n' roll autoral em OP.	Sabe escrever projetos. Está em GV há 1 ano. GV é a 8ª cidade de MG e está nessa situação com a cultura. Não liga pros outros. Percebe que tem um nicho cultural em GV.
Tamara, mora no Santa Rita	psicologia, GP e RH. Atua com tecnologia, inovação - cidades inteligentes.	As pessoas têm dificuldade de elaborar projetos para captação de recursos. Falta de políticas públicas para a cultura. Deseja que o diagnóstico encontre soluções efetivas para o problema. Participa de projetos sociais com adolescentes na Escola Pública de Carapina.
Mestre Catatau, do Morro do Carapina	mestre de capoeira há 30 anos, viaja para fora e representa GV em 17 países	Trabalho com 20 grupos na Liga Internacional de capoeira. Atua em 6 bairros e 1500 capoeiristas. Faz parte do Conselho Deliberativo do Patrimônio. Presidente do Instituto Pro Rio Doce. Quer consolidar a capoeira como transformação social. Tem conhecimento de liderança indígena Krenak, oferece aula de meio ambiente, torã. A capoeira está unida e forte.
Josiane	é artesã e assistente social do CIAAT	Quer escutar, está em GV há seis meses.
Letícia	produtora cultural	Elaboração e gestão de projetos
Paula	artista, artesã	Deseja união para estes encontros
Zana	escritora, jornalista, escreveu livro sobre o antigo carnaval de GV, membro da Academia Valadarense de Letras.	Há três meses no CIAAT. Movimentar a cena cultural local.
Guilherme, de Ipatinga	10 anos no CIAAT, participa da Virada Cultural de GV, tem uma banda de reggae	Movimentar a cena cultural local.
Cristopher	produtor cultural desde 2009, realiza eventos artísticos. Artesão de formas de silicone. Captador.	Quer que GV se desenvolva culturalmente.
Marcela	Coletivo Valadares Power	Fortalecimento da cultura.
DafnY, bairro São Paulo	trabalha na comunicação do CIAAT, articuladora e	Movimentar a cena cultural de GV.

	mobilizadora da comunidade ballroom, ribeirinha, Casa Bastet	
Célia, de Altinópolis	Elaboração de projetos e captação de recursos	Movimentar a cena cultural de GV.

Após a apresentação dos presentes, Samira explicitou brevemente alguns pontos importantes sobre a pedagogia da indignação, de Paulo Freire. A questão de que sonhos implicam luta. No seu livro Pedagogia da Indignação, uma publicação em formato de cartas pedagógicas e escritos, Paulo Freire (2000) faz uma análise de alguns dos desafios postos em torno da dimensão da presença política e humana no mundo que, segundo ele, iriam perdurar no início do século XXI. A primeira problematização/desafio vinha discorrida sob o subtítulo: "A negação atual do sonho e da utopia e a briga por eles, agora e no começo do século que vem". Freire (2000, p.56) identifica como prática tributária da lógica neoliberal a recusa sistemática do sonho e da utopia, "que ameaça a vida da esperança, termina por despolitizar a prática educativa, ferindo a própria natureza humana". Para ele, não sonhar e não querer mudanças é uma estratégia de manutenção fatalista de um presente "vitorioso" do neoliberalismo. E, neste sentido, sonhar, além de ato revolucionário, é um projeto de luta:

Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta. Na verdade, a transformação do mundo a que o sonho aspira é um ato político e seria uma ingenuidade não reconhecer que os sonhos têm seus contra-sonhos.(FREIRE, 2000, p. 26)

Outra breve introdução importante para o Diagnóstico envolveu pontuações sobre o tema da participação. A **participação** pode ser compreendida, segundo Arnstein (1969), como o processo pelo qual, a partir da redistribuição de poder, os cidadãos excluídos das decisões políticas e econômicas passam a integrar etapas do processo decisório. Constrói-se em torno da premissa de que as instituições públicas em um Estado democrático não podem atuar isoladamente dos sujeitos que as constituem. Fung (2006) aponta três eixos nos quais modelos participativos podem variar: na forma de seleção de participantes; nas formas de comunicação e tomada de decisão; e na autoridade e poder delegado ao modelo participativo. Há outras variações em torno da participação como desenho institucional, experimentalismos e democratização, há a camada da representação que trata de representatividade, legitimidade e reconhecimento entre os pares, todas importantes em alguma fase do processo participativo. A combinação desses fatores leva a modelos distintos de participação, com diferentes potenciais emancipatórios. Ainda que se afastando da democracia representativa tradicional, o processo decisório participativo pode assumir diferentes formatos menos ou mais democráticos e inclusivos.

Quadro 6 - GRUPO 1: Fraquezas, Potências, Necessidade e Sonhos

Fraquezas	Potências	Necessidades	Sonhos
Falta de acesso amplo aos espaços culturais	Artistas criativos	Revitalização e acesso aos espaços de cultura	Viver de Arte
Falta de recursos financeiros	Setor cultural é plural	Conselho de Cultura Participativo	Sistema de Cultura organizado
Sucateamento dos equipamentos culturais	Resistência	Assessoria para elaboração de projetos	Espaços culturais para as crianças
Repressão e violência policial	Espaços Culturais	Apoio aos artistas Locais	Espaços multiculturais
Perseguição política	Sonhadores		Conservatório cultural - centro formativo público
Falta de divulgação			Expressões culturais sem repressão
Ausência de mobilização nas mídias sociais			
Falta de valorização artística			
Secretaria de Cultura desconhece a cultura da cidade			
Segmentação do setor artístico			
Falta do Conselho de Cultura			
Burocracia			
Falta captação de recursos			

Quadro 7 - GRUPO 2: Fraquezas, Potenciais, Necessidade e Sonhos

Fraquezas	Potenciais	Necessidades	Sonhos
Espaço físico	Engajamento	Recursos Financeiros	Atividades culturais gratuitas semanais
Setor desorganizado	Pluralidade de expressões	Espaços culturais públicos	praças públicas equipadas com espaço infantil
Falta de recurso Financeiro	Resistência	Equipamentos técnicos	Cultura como necessidade básica
Falta de conhecimento técnico	Setor aberto ao diálogo	Formação para elaboração e execução de projetos	Centros culturais (teatro, cinema e bibliotecas comunitárias)
Falta de comunicação assertiva	Capacidade de adaptação cultural	Reconhecimento dos direitos culturais da população	Centro de formação em artes
Ausência do poder público		Participação (apoio) da Secretaria de Cultura nas ações do setor	Viver de arte
		Articulação e fortalecimento dos grupos culturais	

Quadro 8 - GRUPO 3: Fraquezas, Potenciais, Necessidade e Sonhos

Fraquezas	Potenciais	Necessidades	Sonhos
Falta de acesso ao recurso financeiro	Qualidade artística	Atuação do Ministério Público	Estar vivo
Falta de mobilidade urbana	Memória comunitária	Representação política	Autogestão
Dependência de editais	Diversidade cultural	Dados estatísticos	Descentralização
Falta de informação sobre políticas de fomento	Capoeira presente na cidade	Descentralização da ação cultural	Ampliação das atividades culturais e associações
Conservadorismo exacerbado na cidade	Identidade local	Acessos aos recursos financeiros	Autonomia dos grupos

Fragmentação da classe artística	Espaços para ocupação	Teatros e espaços de promoção da cultura	Valorização da cultura local e promotores da cultura
Ausência do poder público	Potencial humano		Formação e educação cultura de base
Falta de espaços e lazer gratuitos	Organizações coletivas		Políticas públicas diversas
Êxodo cultural	Quem não desencanta, resiste		
Forte presença do agronegócio	Calor (as pessoas querem sair de casa)		

Registros da atividade:



No segundo dia do Diagnóstico, tivemos a presença de aproximadamente 20 pessoas fixas e 10 transitando. O dia iniciou com a retomada do exercício do dia anterior - Fraquezas, Potências, Necessidade e Sonhos. Os participantes fizeram a leitura dos pontos destacados e, ao mesmo tempo, circularam os itens que coincidiram entre um grupo e outro. Ao final, os participantes puderam observar os pontos de convergência que hora ou outra tinham nomenclatura distintas mas sentidos iguais ou muito próximos.

Quadro 9 - Pontos de Convergência - Painel: Fraquezas, Potências, Necessidades e Sonhos

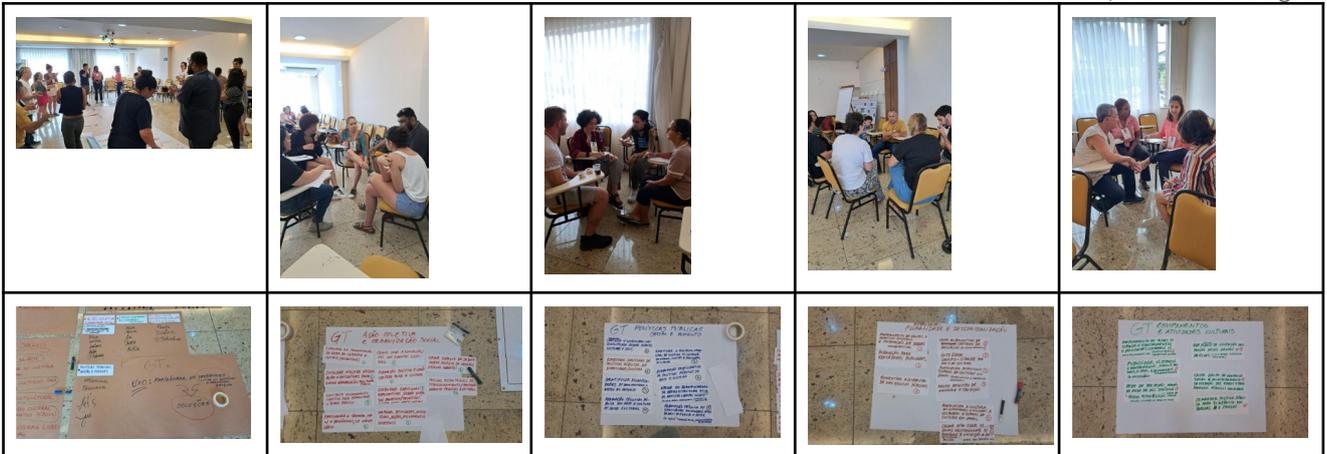
Fraquezas	Potências	Necessidades	Sonhos
Falta de acesso amplo aos espaços culturais	Artistas criativos	Revitalização e acesso aos espaços de cultura	Viver de Arte (viabilidade financeira)
Falta de recursos financeiros	Setor cultural é plural e diverso	Equipamentos e apoio técnico	Cultura como direito básico
Setor cultural desorganizado e segmentado	Resistência e engajamento	Assessoria para elaboração de projetos	Espaços culturais para as crianças
Falta de conhecimento técnico	Abertura do setor cultural ao diálogo	Apoio aos artistas Locais	Espaços multiculturais (teatro, cinema e

			bibliotecas comunitárias)
Ausência do poder público	Capacidade de adaptação cultural (resiliência)	Acesso a recursos financeiros	Conservatório cultural - centro formativo público
Falta de divulgação	Espaços para ocupação	Promoção da cultura	
Ausência de mobilização nas mídias sociais			
Falta de valorização artística			
Secretaria de Cultura desconhece a cultura da cidade			
Conservadorismo exacerbado na cidade			

A partir do quadro de convergências, foram identificados cinco eixos para os grupos de trabalho da segunda parte do Diagnóstico Participativo. Os cinco eixos por convergências temáticas foram: a) [VERMELHO] Ação coletiva e organização social; b) [VERDE] Espaços, equipamentos e ações culturais; c) [LARANJA] Pluralidade, diversidade e descentralização; d) [AZUL] Políticas públicas, gestão e fomento; e) [ROSA] Comunicação e democratização da informação.

Em função do número de pessoas presentes na manhã de sábado, foram definidos quatro eixos principais, sendo o eixo da comunicação transversal a todos eles. Houve a divisão do número de pessoas presentes em quatro grupos, com quatro a seis pessoas por grupo. A atividade consistiu em reelaborar os problemas a partir do quadro anterior, buscando fazer uma síntese mais objetiva do problema para, posteriormente apontar as alternativas para sanar ou minimizar a questão pautada. Ao todo foram elencadas 33 problemas/alternativas nos quatro GTs.

Registros da atividade:



Quadro 10 - 33 Alternativas | por GT | por ordem de prioridade definidas pelo grupo

GT #1 - AÇÃO COLETIVA E ORGANIZAÇÃO SOCIAL	Considerações GCH
1. A ação e organização coletiva, deve se espelhar na organização de rede da capoeira, entre outros.	<p>Setor cultural articular e promover encontros permanentes de trocas de experiências e vivências na cultura, conhecendo e reconhecendo quem faz parte da rede.</p> <p>Compreender como os grupos de capoeira estão organizados e como se constituem (Associações, Organizações Sociais, ONG's) e a quais instâncias representativas estão vinculados.</p>
2. Divulgar melhor as ações do setor cultural para evitar apropriação do poder público das iniciativas da sociedade civil.	<p>Projeto de Agenda cultural para GV (Zana)</p> <p>Setor cultural trabalhar o relacionamento e criar parceria com a imprensa. Considerar viabilizar financeiramente um assessor de imprensa e social media.</p>
3. Construir engajamento coletivo para demandar o poder público.	<p>Setor cultural buscar união e coesão do setor até decidir ou não criar uma associação formal, elaborar regimento interno (normas básicas de funcionamento e participação), etc.</p> <p>Validar outras formas coletivas de atuação e organização social não regimentadas, como Fóruns, Frentes, Levantes, Grupos de Trabalho.</p>
4. Pressionar mais a Câmara, o Ministério Público com comprovações de denúncias.	<p>Setor cultural sistematizar a construção de um dossiê e uma rotina de acompanhamento, considerar viabilizar financeiramente um secretário.</p> <p>Publicizar tais intervenções por meio de cartas abertas, notas (repúdio, esclarecimento, etc) na internet e redes sociais.</p>

<p>5. Construir uma associação ou OSC dos agentes culturais locais.</p>	<p>Setor cultural buscar união e coesão até decidir criar uma pessoa jurídica, elaborar regimento interno (normas básicas de funcionamento e participação).</p> <p>Considerar a titulação que garante a chancela para gestão de projetos e programas governamentais (OSC, OSCIP, OS).</p> <p>Pesquisar referências como a Cooperativa de São Paulo.</p> <p>Como o processo de construção de entidades civis regulamentadas demanda investimentos (recursos financeiros e humanos), além de comprometimento, conhecimento e vínculo, avaliar se organizações já estabelecidas, como o CIAAT, podem parcerizar com agentes culturais para realização de projetos.</p>
<p>6. Formação cidadã voltada para a cultura (para os direitos culturais)</p>	<p>Na falta de iniciativa do governo local, Setor cultural articular com os governos estadual, federal e terceiro setor.</p> <p>Setor cultural pode elaborar projeto cultural para formação em direitos culturais entre outras formações.</p>
<p>7. Elaboração de cartilhas sobre temas de produção cultural, tais como alvará de espaço, licenciamento para ocupação de praças e ruas, direitos culturais, etc</p>	<p>Idem item 6</p> <p>Setor cultural pode organizar grupo para a criação das cartilhas, considerando pessoal para pesquisa do conteúdo, organização do material, criação de conteúdo, diagramação e design, revisão e publicação (online e impressa).</p> <p>Viabilizar com um esforço financeiro e de trabalho um núcleo operacional remunerado que possa cotidianamente e profissionalmente encaminhar questões práticas e necessárias do movimento dos associados/cooperativados.</p>
<p>8. Mapeamento de iniciativas culturais locais, ações, movimentos e coletivos</p>	<p>Um mapeamento cultural pode ser a base de diversos projetos propostos neste diagnóstico, dentre eles o projeto Agenda cultural para GV (Zana), iniciativa importante como estratégia de ações simultâneas.</p>
<p>9. Criar espaços de debate sobre análise de cenário</p>	<p>Setor cultural articular um Fórum Permanente e aberto. Sugere-se que esta seja a primeira ação deste GT - instauração de um espaço permanente de debate para, a partir dele, debater e avançar quinzenalmente em cada ponto prioritário, manter o debate em curso e em dia. Entender a cada encontro quais decisões foram amadurecidas, quais demandas mais debate. O primeiro debate é sobre o desenho institucional do Fórum (se PJ, qual tipo de PJ, se não regimentada neste primeiro momento, funcionamento, composição, forma de</p>

	ingresso, tipos de participação em função da disponibilidade, direito a voto, direito a fala, duração, tempo de fala, normas de definição de pauta).
10. Elaborar estratégias de posicionamento e proteção durante período eleitoral (capitalizar apoio político e viabilizar garantias de direitos)	<p>Setor cultural articular um grupo diretor para tomar decisões a partir de um mapeamento de órgãos, entidades e canais de proteção dos direitos humanos, bem como de denúncia.</p> <p>Criação de rede de apoio e proteção, como advogados, representantes aliados do MP, ouvidorias, imprensa e parlamentares.</p>

GT #2 - ESPAÇOS, EQUIPAMENTOS E ATIVIDADES CULTURAIS	Considerações GCH
11. Mapeamento de espaços e equipamentos públicos e atividades culturais para divulgação e comunicação das oportunidades da cultura. Denunciar o sucateamento, se necessário.	<p>Mapeamento - Idem item 8</p> <p>Sucateamento - Idem item 4</p>
12. Publicizar os espaços e equipamentos públicos e privados, terceiro setor.	<p>Conectar ao projeto de Agenda cultural para GV (Zana)</p> <p>Considerar a criação de hotsite e/ou perfil de Instagram com conteúdos históricos sobre os espaços, projetos e atividades culturais de GV e a importância do acesso à cultura na vida das pessoas (direitos culturais).</p> <p>Viabilizar profissional criador de conteúdo, produção de fotos, vídeos e mídias em geral, profissional articulador de redes, entre outros.</p>
13. Criar rede de proteção, rede de assessoria jurídica, definindo um grupo de linha de frente, pessoas estratégicas (e diversas) com especial atenção à ocupação de praças e ruas.	<p>Idem item 10</p> <p>Considerar o apoio e a orientação jurídica aos grupos e artistas locais - CIAAT considerar viabilizar parceria com um grupo para orientação jurídica.</p>
14. Criar agenda de ocupação das praças pelos grupos culturais e artistas (considerar a intersetorialidade da ação cultural, ou seja, envolver áreas	<p>Setor cultural mapear ações culturais existentes com grupos e artistas locais.</p> <p>Elaborar projeto de lei de incentivo ou por meio de editais para realização de uma programação anual em uma ou mais</p>

como saúde, educação, esporte, etc)	praças da cidade priorizando artistas da cidade. Mínimo 1 ação por mês - 12 ações.
15. Criar grupo de controle social e monitoramento da ocupação dos espaços e equipamentos culturais públicos.	<p>Setor cultural criar grupo para entender objetivos, formato e rotinas de acesso a mecanismos de transparência e outros.</p> <p>Elaborar dossiê para reivindicar isonomia no tratamento e, se necessário, comprovar privilégios e apadrinhamentos.</p> <p>Considerar viabilizar secretariado para operacionalizar controle e monitoramento continuado.</p>
16. Demandar políticas públicas para a Primeira Infância em parques e praças.	<p>Setor cultural acompanhar as reuniões do Conselho Municipal de Educação, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, organizar para ter representantes nestes espaços.</p> <p>Setor cultural criar projeto cultural para a primeira infância. Elaborar uma campanha educativa e atraente, articular redes sociais e artistas locais e de fora em apoio à implementação de uma programação cultural permanente para todas as crianças de GV.</p> <p>Considerar replicar o projeto Conexão Galpão Cine Horto para atender às escolas públicas - ensino fundamental. Formação de público - ações perenes.</p>

GT #3 - PLURALIDADE, DIVERSIDADE e DESCENTRALIZAÇÃO	Considerações GCH
17. Mapeamento de Grupos e Coletivos Culturais e Formação de Redes Colaborativas	<p>Conectar ao projeto de Agenda cultural para GV (Zana)</p> <p>Setor cultural entender qual metodologia se difere do mapeamento geral, observando as especificidades dos Povos e Comunidades Tradicionais (baixo acesso à mobilidade urbana, falta de acesso à dispositivos de comunicação, baixa escolaridade e analfabetismo, material com linguagem de fácil entendimento, considerar optar por vídeos para comunicar com este público ou mesmo visita presencial). Estar atento aos protocolos de consulta, direitos dos PCTs. Se não houver protocolo elaborado, elaborar com eles um protocolo básico antes de iniciar as consultas.</p>
18. Formação para Educadores Populares	Considerar parceria com o projeto Festival da Cultura Popular - fortalecimento e multiplicação de educadores populares - conectar cultura à trabalho e renda.

	<p>Buscar parceria com organizações consolidadas como o Fórum das Juventudes da Grande BH e AIC - Associação Imagem Comunitária que são especialistas em mobilização e comunicação popular.</p> <p>GCH pode atuar como articulador dessas experiências consolidadas.</p>
19. Fomentar o respeito à diversidade nas escolas públicas	<p>Considerar parceria com o projeto Festival da Cultura Popular</p> <p>Acompanhar as reuniões do Conselho Municipal de Educação, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, organizar para ter representantes nestes espaços.</p> <p>Replicar para a realidade de GV o projeto socioeducativo do GCH - Conexão Galpão Cine Horto</p>
20. Criar alternativas de captação de recursos para projetos com temáticas específicas como PCTs, pluralidade/diversidade.	<p>Mapeamento de Fundos do Patrimônio, de Direitos Humanos, Igualdade Racial, entre outros.</p>
21. Integrar campo-cidade por meio da cultura	<p>Mapeamento ação cultural campo x ação cultural cidade - formas de integrar.</p> <p>Elaboração de projetos com esta finalidade, escutar e criar, com os agentes do campo, estratégias de integração.</p>
22. Fortalecer potenciais espaços de cultura no campo (infra mínima e materiais)	<p>Realizar busca e escuta ativa.</p> <p>Elaborar estratégias de fortalecimento dos espaços de cultura no campo.</p>
23. Realizar registro de memória e tradição	<p>Promover oficina de registro e memória da tradição local, construção e manutenção de acervo;</p> <p>Elaboração de um projeto piloto de patrimônio e memória cultural.</p>
24. Fortalecer a cultura das comunidades mais isoladas a ocuparem os espaços de cultura em geral	<p>Idem item 21.</p>
25. Criar ou usar os canais institucionais para denúncia de violência policial e violação de direitos humanos	<p>Setor cultural além de articular a rede de proteção, buscar referências de projetos com abordagens inovadoras como Baculejo (AIC).</p>

	Mapeamento de órgãos, entidades e canais de proteção dos direitos humanos, bem como de denúncia. Criação de rede de apoio e proteção, como advogados, representantes aliados do MP, ouvidorias, imprensa e parlamentares.
--	---

GT #4 - POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO E FOMENTO À CULTURA	Considerações GCH
26. Formação ou Cartilha com linguagem e metodologia simplificada sobre direitos culturais e Sistema Nacional de Cultura	<p>Setor cultural formalizar tentativa de parcerizar com o poder público mas considerar ser mais viável articular com outros parceiros via projeto cultural.</p> <p>Organizar grupo para a criação das cartilhas, considerando pessoal para pesquisa do conteúdo, organização do material, criação de conteúdo, diagramação e design, revisão e publicação (online e impressa).</p> <p>Buscar representação política junto a sociedade, Câmara dos Vereadores e Executivo;</p>
27. Formação ou Cartilha sobre políticas públicas de diversidade e cultura	Idem item 26
28. Identificar financiadores para democratizar o acesso ao recurso	<p>Setor cultural pressionar para que empresas públicas (autarquias) publiquem editais para ampla concorrência de projetos culturais como já acontece com a CEMIG entre outras.</p> <p>Avaliar parceria com a plataforma Prosas.</p> <p>Sensibilizar a iniciativa privada, cidadãos, ONGs, e o poder público; Realizar campanha GV tem arte e cultura!.</p>
29. Formação técnica pública em arte e cultura para o setor cultural	<p>Estratégico para o setor cultural - pauta legítima e necessária para formação de público e criação de um ambiente receptivo à cultura na cidade.</p> <p>Referências: Núcleos de Pesquisa do GCH, ELA - Escola Livre de Artes de BH que oferece continuamente atividades de formação em artes. Agregar indicadores de benefícios e impactos da cultura na saúde de um território, índices de violência local, de IVJ. Vender cada vez melhor a ideia para a Prefeitura enxergar as vantagens e abraçar o projeto.</p> <p>Mapear e provocar as escolas técnicas locais e regionais como Sebrae, Senac, etc, bem como universidades sobre a oferta de</p>

	<p>formação em arte e cultura. Dimensionar público interessado.</p>
<p>30. Efetivar o Conselho Municipal de Cultura para construção de fóruns, comitês e seminários para o setor</p>	<p>Estratégico para o setor cultural - pauta importante para pavimentar o caminho do debate antes de pedir a implementação do CMC, entender os prós e os contras e considerar o Conselho de Patrimônio como mais viável para aproximação da cultura com o poder público.</p> <p>Primeiramente, organizar o setor em outras formas coletivas de atuação e organização social não regimentadas, como Fóruns, Frentes, Levantes, Grupos de Trabalho. Este debate é o primeiro que precisa amadurecer. Ao se definir, o grupo precisa elaborar um Plano de Trabalho de médio prazo e definir prioridades e GTs para levá-las adiante simultaneamente.</p>
<p>31. Elaboração participativa de políticas públicas de arte e cultura</p>	<p>Estratégico para o setor cultural - construir a estrada do debate continuado, da escuta e da argumentação incansável em busca de consensos. Entender qual é a proposta onde todos ganham, inclusive o poder público. O poder público ganha quando a cultura pára de fazer barulho e vota no candidato na próxima eleição. O projeto é lentamente o setor cultural vai abrindo o espaço que precisa para efetivar os direitos culturais da população.</p> <p>É importante que se saiba quais são os projetos, programas e ações hoje executadas no âmbito da cultura pela Prefeitura, bem como o orçamento (o previsto e o executado) do setor. A Prefeitura, bem ou mal, deve ter um painel/plano de sua política cultural. Solicitar a abertura do plano e orçamento junto a prefeitura ou por meio de audiência na Câmara ou via MP. Toda solicitação deve ser feita em tom de conversa e em nome de um grupo organizado (Fórum/Comissão/GT/Associação). Criar metodologia interna que, logo após o contato direto com a prefeitura, todas as solicitações são publicadas em hotsite e/ou redes sociais, protocoladas, com acompanhamento e publicização de todas as etapas. O Setor cultural precisa exercitar a transparência tanto quanto exige do poder público. A transparência do movimento cultural reduz consideravelmente a possibilidade de se plantar desconfiança dentro do próprio movimento.</p>
<p>32. Apoiar no fortalecimento de infraestrutura para os artistas e grupos locais (banheiro químico, licenciamento e empréstimo de equipamentos)</p>	<p>Estratégico para o setor cultural - a pauta parece pequena mas representa um passo importante para o setor junto à Secretaria de Cultura. É uma ação de baixo custo, a burocracia pode ser pactuada de antemão, com formulários, prazos, condições de empréstimo, etc. Se houver barulho da cultura, talvez a SEC opte por atender como redução de danos.</p>

	<p>Atendendo, a SEC vai, aos poucos, assumindo seu papel de fomento e apoio junto ao setor.</p>
<p>33. Formação técnica para servidores municipais atenderem o setor cultural com adesão à sua causa, sem preconceito e discriminação (ex. polícia - formação em DH; escrita simplificada de editais, etc)</p>	<p>Estratégico para o setor - essa é uma pauta que depende de vontade política, estilo de gestão. É assumir uma mudança cultural que inicialmente a prefeitura e a cidade não irão reconhecer sem ter razões concretas para isso. Nesse sentido, o setor precisa ter calma para tratar do assunto, é uma pauta de médio e longo prazos mas que se bem documentada, pode acumular informações valiosas se apresentadas para os órgãos certos, na hora certa.</p>

3. Plano de Trabalho [Produto 4]

3.1 Sobre a realidade local

As referências que se seguem sobre a realidade local de Governador Valadares oferecem um panorama qualificado da situação atual da cultura na cidade. As informações deste capítulo foram retiradas integralmente da Dissertação de Mestrado de 2021 apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, como requisito para obtenção do título de Mestre em Gestão Integrada do Território, de autoria de Letícia Firmato e orientação Prof.a Dra. Fernanda Cristina de Paula.

O território que hoje compreende o município de Governador Valadares, segundo Espíndola (2008), em 1911 guardava mata virgem, mata atlântica que cobria a margem do Rio Doce. Era conhecida como a região de Figueira. “As matas estariam preservadas pelas dificuldades de povoamento e por causa da malária. A população, calculada em 255 mil habitantes, concentrava-se nas zonas de Guanhões, Manhauçu e Caratinga, onde se plantava café” (ESPÍNDOLA, 2008, p. 184). A instalação da Estrada de Ferro Vitória Minas (EFVM) funcionou como acelerador do processo de ocupação da região.

Para Fonseca, contemporâneo da inauguração da estação ferroviária de Figueira, a EFVM fez surgir duas correntes de povoamento: uma de comerciantes vindos das áreas de colonização antiga de Minas Gerais, tais como Guanhões, Peçanha, Manhauçu, Caratinga, Zona da Mata e do Espírito Santo; outra de “sertanejos” das adjacências e do norte. Também chegaram estrangeiros: italianos, espanhóis e libaneses: “Era uma correria! Brotava gente de todo lado”. Cresceu o fluxo de tropas de carga, vindas de lugares próximos e distantes. Na década de 1920 o tráfego de passageiros passa a ocupar o segundo lugar na geração de receitas, indicando o crescente adensamento populacional. (ESPÍNDOLA, 2008, p. 184).

A chegada da estrada de ferro na região abriu caminhos para a devastação que estava por vir. O crescimento da cidade se deu em torno das atividades extrativistas com o comércio de madeira e mica. A devastação criada por estas atividades, acompanhada pelo processo de estagnação econômica provocada pela falta dos recursos naturais até então explorados sem manejo, sugeriu a criação de gado que acabou se tornando a principal atividade econômica das propriedades rurais da região e que ainda se perpetua na atualidade. A cidade, hoje, sobrevive do comércio de bens e serviços, que não proporcionam tantas oportunidades de emprego e alimentam o “fenômeno da migração para países estrangeiros, principalmente os EUA, e há pouco tempo, como segunda rota, Portugal” (GUIMARÃES, 2007, p. 187).

De uma zona de floresta e vazio demográfico, no início do século XX, a região do Médio Vale do Rio Doce se torna a mais populosa de Minas Gerais, em 1960. Esse processo de territorialização foi o resultado da construção de uma ferrovia, da abertura de estradas de rodagem, da introdução da extração e exportação do minério de ferro, da expansão da indústria da madeira, da mica e da siderurgia a carvão vegetal. A aceleração do processo de ocupação e modernização da região do Rio Doce está associada à atuação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) no Programa de Saneamento do Vale do Rio Doce, com os Projetos Rio Doce e Mica, na década de 40, e o Programa Minas Gerais, na década de 1950, que resultaram dos Acordos de Washington entre o Brasil e os Estados Unidos (1942). (GENOVEZ; VILARINO, 2010, p. 119).

Governador Valadares abriga uma população de 263.689 habitantes, de acordo com os dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010, sendo 138.452 mulheres e 125.237 homens. É considerada polo comercial da região desde as primeiras décadas do século XX até os dias de hoje. Com extensão territorial de 2.342,319 km² compreendendo 14 (quatorze) distritos, faz limite com os seguintes municípios: Açucena, Alpercata, Coroaci, Divino das Laranjeiras, Frei Inocência, Galiléia, Marilac, Mathias Lobato, Nova Módica, Santa Efigênia de Minas, São Geraldo da Piedade, Sardoá e Tumiritinga (BRAGA, 2015).

Até onde se sabe, a cidade é dividida em 130 bairros (entre oficiais e não oficiais). Dentre estes há dezenove (19) aglomerados, que “estão diretamente ligados aos 17 bolsões de pobreza existentes no município, conforme dados da Secretaria Municipal de Assistência Social” (BRAGA, 2015, p. 72). Ainda nos dias de hoje há bairros carentes de rede de esgoto e calçamento dentre outros serviços básicos.

A trajetória de Governador Valadares mostra que a modernização, assim como os benefícios do planejamento urbano, ficaram restritos a poucos, em manchas bem delimitadas no espaço urbano. Poucos são os que podem desfrutar dos seus benefícios. Muitos ainda sobrevivem em condições de pré-modernidade... (GUIMARÃES, 2007 p. 187).

Sabemos que as infraestruturas e serviços urbanos junto ao acesso a outros direitos humanos básicos influenciam na qualidade de vida dos cidadãos e no seu desenvolvimento. Ao perceber as mazelas da cidade, entendemos que estas se relacionam ao baixo padrão de desenvolvimento do município comparando o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal). Governador Valadares ocupa a 1107ª posição no ranking nacional dentre os 5565 municípios cadastrados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em 2010, mesmo sendo uma das 100 cidades mais populosas do Brasil (91ª posição) e estando entre as 10 cidades com maior população em Minas Gerais ocupa 97ª posição no ranking estadual quando se trata do IDHM (IBGE 2020).

Com alto índice de vulnerabilidade para a juventude, segundo o relatório Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência, publicado em 2017, pela Secretaria de Governo da Presidência da República/Secretaria Nacional de Juventude e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em cooperação com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO), Governador Valadares está em 50ª lugar do ranking nacional de municípios brasileiros com mais de 100.000 habitantes, caracterizando um alto índice de mortalidade na juventude.

Ao pesquisar na internet sobre o assunto “Cultura em Governador Valadares”, poucos resultados são encontrados. Durante a pesquisa de campo, ao buscar por documentos no setor responsável da prefeitura, a Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo - SMCELT, observou-se a precariedade dos arquivos oficiais sobre as atividades e programas culturais realizados na cidade. Existe uma lacuna no campo da cultura que motivou este estudo, a falta de políticas públicas e investimentos evidenciam a precariedade do setor na cidade. O trabalho de Flávia Santos (2018) expõe algumas questões sobre o tema conforme trechos a seguir:

O único teatro da cidade, o teatro Atiaia está interditado desde outubro de 2015. O processo de interdição, que ocorre desde julho de 2005, pede urgência do poder público na execução de adequações de infraestrutura do espaço, tanto em questões de acessibilidade quanto estruturais. (SANTOS, 2018, p. 52).

Além do Teatro Atiaia, que agora passa por uma reforma e ainda não está disponível para uso, a cidade conta com o Centro Cultural Nelson Mandela, onde funciona a biblioteca municipal e também o Ceu

das Artes. Infelizmente estes espaços ainda são subutilizados ou não são acessíveis a toda população, há algumas ações da prefeitura que buscam a ocupação e uso destes locais, mas percebe-se que há uma dificuldade de aproximação e acesso por parte dos cidadãos. Faltam espaços e equipamentos culturais adequados para o desenvolvimento das atividades como apresentações, ensaios e outras produções/exposições artísticas e culturais.

O Museu da Cidade que funciona em local alugado e guarda vasto acervo histórico da cidade. No entanto, devido às condições ruins da infraestrutura do local, boa parte do acervo está sendo guardado para proteção. Aliado a isto está a falta de acessibilidade do local, que limita o número de frequentadores ao espaço. (SANTOS, 2018, p. 52).

Em relação às atividades de lazer, a cidade também não oferece muita diversidade. Há eventos promovidos pela comunidade que trazem seus costumes através de festas típicas ou tradicionais como as “barraquinhas” juninas. Há também uma grande mobilização de eventos religiosos por parte de igrejas evangélicas que inclusive ocuparam os locais onde funcionavam cinemas na cidade, hoje só existe um cinema funcionando no GV Shopping. Há alguns movimentos nas periferias como por exemplo o Carnapina, evento mobilizado por moradores do bairro Carapina. Há esforços empenhados em resgatar as referências culturais do município publicados por Clarice Libânio (2011) em Guia Cultural Governador Valadares e Patricia Genovez (2018) em seu trabalho Inventário de Referências Culturais de Governador Valadares.

Nos eventos de iniciativa privada há uma preponderância do estilo “sertanejo universitário”, mas a cidade já teve em seu calendário de atividades culturais eventos como a “Festa da fantasia”, o mais esperado do ano pelo público do pop rock, que aconteceu várias vezes na Açucareira (espaço tombado como patrimônio histórico) e também o “Fest Rock”, que por sua vez acontecia durante a Exposição Agropecuária. Existia também o “GV Folia” para o público do ritmo do axé baiano.

Para os mais alternativos existiam pequenos eventos como o “Domingo do Rock” que aconteciam mensalmente no lendário Riviera ou Bar do Manel e esporadicamente eram promovidos eventos como o “Rock do Leite” pelo público do metal e punk rock mas que hoje também não acontecem mais. Há de se destacar a presença do Festival de Jazz, Motofest e o Festival da diversidade no calendário de eventos do município, que apesar das dificuldades em arrecadar recursos para a realização, acontecem quase que anualmente.

Observa-se também uma forte movimentação da iniciativa privada, na construção de uma governança para o aquecimento da economia da cultura, produções como o 1º Festival de Inverno, Gastronômico e Cultural de Governador Valadares que aconteceu em agosto de 2019, Blues na Montanha em setembro de 2019, Circuito Gastronômico 'Ilha dos Sabores' no bairro Ilha dos Araújo em novembro de 2019, foram iniciativas que movimentaram o setor na cidade. A prefeitura costuma apoiar os eventos “cedendo o espaço” ou outros equipamentos públicos, mas não há aporte financeiro para remunerar as produções culturais locais. Através do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, que recebe repasses de recursos do Estado de Minas Gerais, o Festival de Folclore, que acontece no distrito municipal Penha do Cassiano, é um dos poucos (se não o único) eventos de tradições ou iniciativas populares fomentados através de recursos financeiros públicos do município.

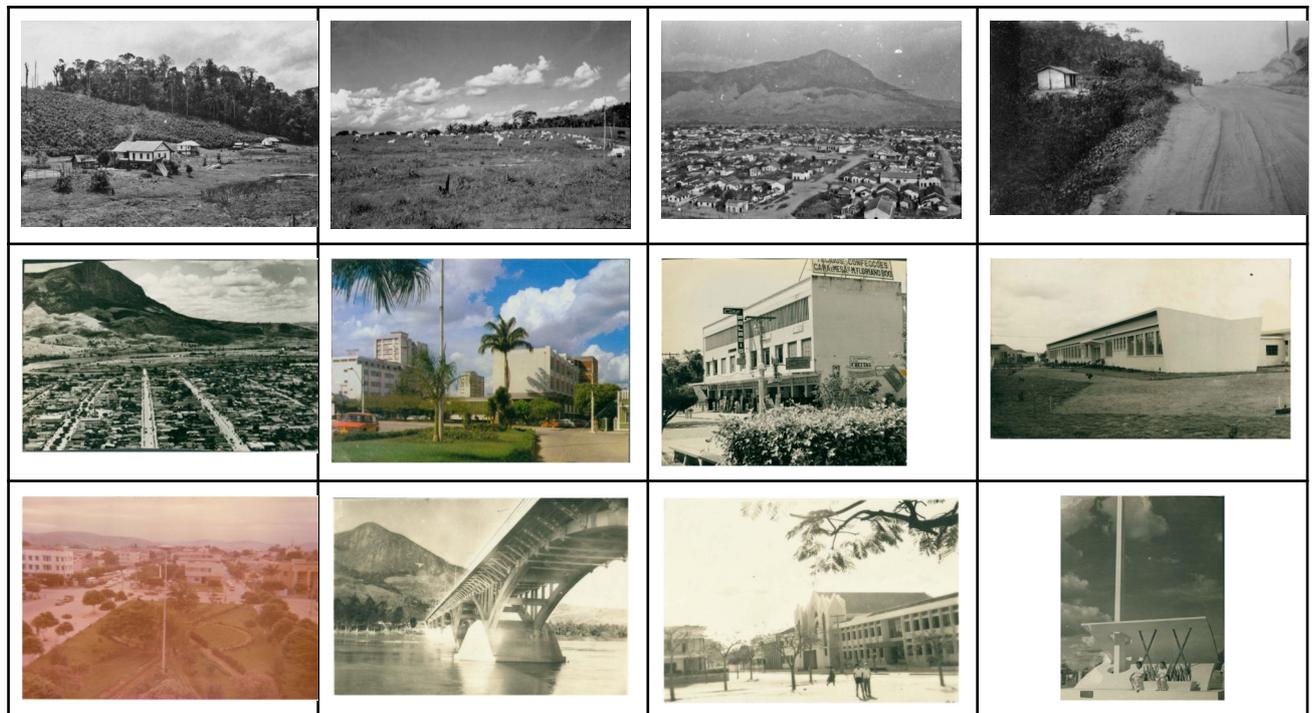
Imersa neste processo, a vida cultural de Governador Valadares tem diversas raízes e quiçá uma longa história, em parte mantidas e em parte esquecidas. A manutenção dos valores culturais depende da relação entre memória e espaço. Disto redundo o que Elhajji denomina como ‘territórios existenciais’, configurados

por meio de um habitus espacial, transmitidos a partir de processos de socialização. Em outras palavras, cada um dos espaços da cidade, uma vez permeado por diferenciadas relações sociais e culturais, constituiu um habitus espacial que determinou os modos de percepção, de representação, de elaboração e de semantização do espaço pelo indivíduo, em conformidade com a visão global do mundo própria ao seu grupo cultural. (GENOVEZ, 2018, p. 43).

É preciso salientar que a Política Pública Cultural não gira em torno de eventos e entretenimento, conforme observamos acima. Pelo contrário, o evento já é o “produto”, há muito trabalho prévio para a sua produção. O fomento à formação, informação e acesso a equipamentos culturais são as bases para a manutenção e desenvolvimento do capital cultural e da garantia dos direitos culturais. É através da valorização e do investimento no tempo de produção da arte e na proteção das expressões culturais e simbólicas que se proporciona o exercício dos direitos culturais. No município não há um Fundo de Cultura regulamentado, o que demonstra pouco interesse em investir na cultura.

Existem hoje coletivos que também movimentam a cena da produção cultural local, eles funcionam como espaços de expressão político-artística-cultural. O coletivo Deck, por exemplo, promove eventos semanais movimentando a cultura do rap na cidade. O coletivo Encrespa promove a valorização da cultura negra. O coletivo Virada Cultural GV e o coletivo Brotas produzem eventos esporádicos buscando proporcionar espaços para os artistas locais terem oportunidade de se apresentar, o que motiva e movimenta a produção artística no município. Além de outros movimentos que buscam promover diversas ações na cidade como veremos mais à frente. A articulação destes coletivos têm trazido à tona conflitos entre o papel e as ações do poder público em relação às políticas públicas culturais no município conforme veremos adiante.

Registros imagens históricas:





3.4 Apontamentos Diagnóstico Rápido Participativo

O Galpão Cine Horto ao entrar em contato com os agentes culturais locais ao longo das três atividades programadas, identificou o que já havia sido sinalizado pelo CIAAT, que o setor cultural de Governador Valadares vivencia uma sobreposição de problemas crônicos que podem ser considerados endêmicos em função de configurar um ciclo vicioso que se retroalimenta diariamente.

De modo geral, nota-se a **(i) desvalorização do trabalho cultural e artístico**, por parte da sociedade valadarense como um todo mas também por parte do poder público, o que denota um **(ii) conservadorismo exacerbado** capaz de sobrepor os direitos individuais dos cidadãos, incluindo **(iii) violação de direitos humanos** por meio de **(iv) violência policial** segundo relatos recorrentes de participantes das ações realizadas. Tanto o **(v) preconceito** como a **(vi) falta de reconhecimento do trabalho do artista como profissão**, decorre da ignorância social, da baixa escolaridade e da **(vii) falta de acesso à cultura**. Todos estes fatores reunidos geram **(viii) enfraquecimento do setor cultural** que, por vezes, só consegue apoio do poder público em situações com pouca ou nenhuma transparência, estratégia que só contribui para a **(ix) desunião e fragmentação do setor artístico**.

A cultura e os direitos culturais em debate

É importante considerar que há implicações jurídicas que precisam ser tratadas com o devido rigor da lei. O artigo 215 da Constituição Federal determina que o Estado garantirá a proteção, incentivo e prática das atividades culturais. Além disso, a Lei 7.716/89 prevê como crime a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Essas mesmas práticas são tratadas como injúria racial no parágrafo terceiro do Código Penal. A pena para preconceitos culturais pode resultar em até cinco anos de reclusão e multa. O preconceito se apresenta de forma expressiva no Brasil. O preconceito se perpetua pela educação ou pela falta dela, quando há omissão quanto aos debates sobre educação intercultural, capazes de promover práticas que fortalecem a heterogeneidade social e cultural.

O debate sobre preconceito tem ganhado espaço na mídia e nas rodas de conversa. O debate é fundamental para o crescimento da conscientização. O enfrentamento que o preconceito causa passa pela conversa e pela admissão de que ele existe e tem potencial trágico e desagregador. Segundo relatório do IBGE, de 2014 a 2018, o percentual de trabalhadores na área cultural com carteira assinada caiu de 45% para 34%, e a informalidade cresceu praticamente na mesma medida. Os dados mostram que o total dos valores investidos em cultura até cresce ao longo dos anos, mas abaixo dos índices de inflação. E ainda pior, ao mesmo tempo, a participação do setor dentro dos orçamentos públicos diminui. A pesquisa também revela que os maiores prejudicados com isso é a população de baixa renda, população jovem, pessoas

negras, de uma forma geral pessoas que residem em locais menos privilegiados. Na definição usada pelo IBGE, 44% dos pretos e pardos vivem em cidades sem cinemas, contra 34% da população branca; 37%, em cidades sem museus, contra 25% dos brancos. Em cidades sem nenhum teatro ou sala de espetáculo, a diferença é a mesma.

E ainda, mais de um terço das crianças e adolescentes até 14 anos também não têm acesso a esse tipo de lazer cultural. É importante trabalhar contra a visão distorcida do jovem da periferia. A periferia não é entendida como um centro de cultura quando se fala de investimento. Em geral, cursos ou até acesso à educação que você tem na periferia são focados em trabalhos manuais, operacionais mas quase nunca artísticos.

A cultura é importante para toda a sociedade, investir mais na cultura é também contribuir para melhorar o acesso e a consciência individual de que todos podem e devem acessar saúde, moradia, educação e cultura, trata-se de proporcionar dignidade cidadã. Dar acesso reduz desigualdades. Apesar de vasta e ampla, a cultura brasileira torna-se símbolo de status para as elites, que selecionam aquilo que deve ou não ser consumido, relegando o que não foi selecionado para o limbo da produção cultural.

Sendo assim, é possível notar que o ciclo vicioso do preconceito está, neste momento, atuando com mais força do que o ciclo virtuoso da diversidade. É importante destacar que, a despeito de todos os obstáculos, o setor cultural de Governador Valadares ainda assim resiste com engajamento e em prol da diversidade de linguagens e identidades. A cultura de GV, de tempos em tempos, consegue criar condições de articulação e, por essa capacidade de resiliência, persiste criativamente há anos, mantendo viva importantes iniciativas locais.

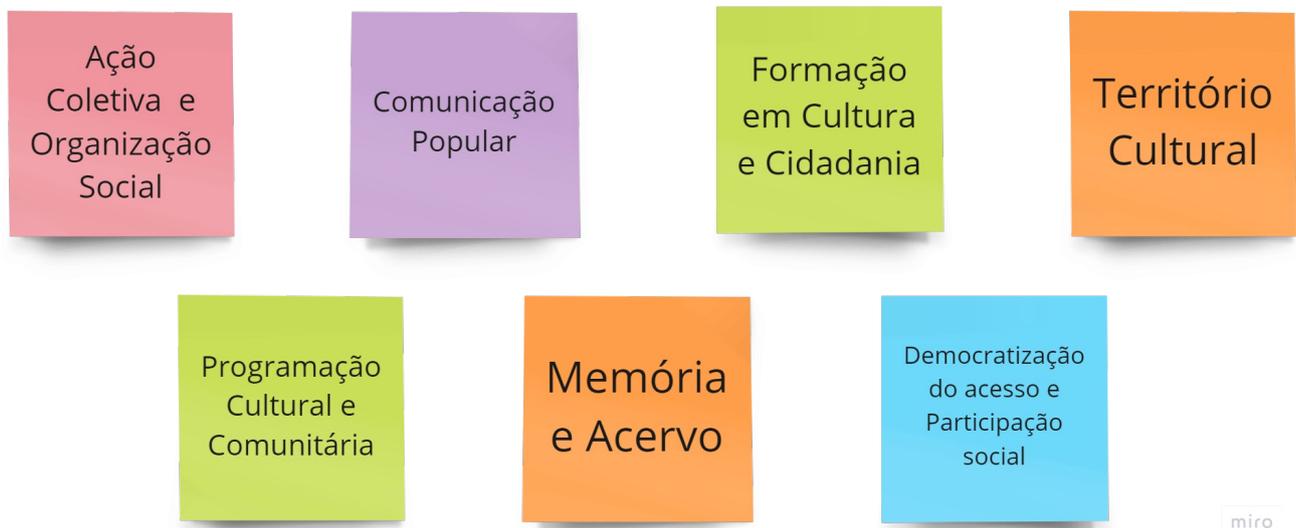
Ao longo das três oportunidades de diálogo que vivenciamos no período, a consciência dos agentes culturais em relação à necessidade de se estabelecer uma organização social formal e ampliada foi destaque. Se analisadas com atenção, as proposições coletadas no diagnóstico representam um conjunto de demandas que, em primeiro lugar representam, um avanço na **(i) conscientização de direitos e profissionalização das lideranças do setor**, gabaritando-as para avançar nas demais pautas: **(ii) planejamento político estratégico**, **(iii) iniciativa independente frente à atualização dos dados do setor**, **(iv) fortalecimento do acesso à cultura e à diversidade para toda a população de GV, centro, periferias e campo**, **(v) formação de público nas escolas**, **(vi) articulação interna do setor em prol de uma atuação sincronizada e unificada**, **(vii) preservação da memória cultural local** e **(viii) criação de canais de comunicação permanente do setor cultural com a população local**, entre outros.

As propostas de alternativas elencadas pelos participantes durante as três atividades realizadas - seminário, workshop e diagnóstico - demonstram maturidade, persistência e assertividade do setor mas ainda carecem de organização e unificação das pautas para que o trabalho a ser desenvolvido demande divisões mais racionais e objetivas das frentes de trabalho. Nota-se também, o desejo de muitos pela formação e profissionalização, e este caminho é muito importante de ser trilhado. A profissionalização do setor cultural em GV é um fator fundamental para que a cidade, incluindo o poder público, passe a enxergar a cultura com olhos mais acolhedores e, para tanto, é necessário mostrar, a todo momento, de múltiplas formas, as vantagens que a cultura traz para o dia a dia da vida das pessoas, em todas as faixas etárias.

A seguir apresentamos aspectos importantes da história, composição da população, economia, arte e cultura em GV. Sabemos que são informações ainda superficiais na perspectiva do histórico de apagamento da cidade mas, entendemos que contribuem para uma visão global que se articula às demandas que tanto discutimos juntos.

3.5 Plano de Trabalho [Produto 4]

Último produto a ser entregue para CIAAT, o Plano de Trabalho, guarda em si a expectativa de apontar caminhos para a sequência do trabalho realizado até aqui. Sendo assim, considerando que as diversas demandas identificadas no Diagnóstico Participativo são de naturezas próximas, o Galpão Cine Horto reagrupou e reposicionou as 33 demandas diagnosticadas, complementando-as com apontamentos para serem desenvolvidas como projeto ou ação cultural sob um conjunto de grandes temas priorizados pelos participantes nos debates.



O quadro a seguir apresenta um conjunto de projetos e ações importantes para atuação do setor cultural no atual momento de Governador Valadares. Aponta, também, o posicionamento do Galpão Cine Horto, ou seja, a forma como idealizou sua participação no desenvolvimento desses projetos e ações.

QUADRO DIAGNÓSTICO CULTURAL - PROPOSTA DE **PLANO DE TRABALHO**

a) Coluna 1 - a cor se refere ao GT de origem da proposta: [VERMELHO] Ação coletiva e organização social; b) [VERDE] Espaços, equipamentos e ações culturais; c) [LARANJA] Pluralidade, diversidade e descentralização; d) [AZUL] Políticas públicas, gestão e fomento;

GT #1 - AÇÃO COLETIVA E ORGANIZAÇÃO SOCIAL			
Temas	Ação	Atividades	GCH
1. Ação Coletiva e Organização Social	Criar espaços de debate sobre análise de cenário [Fórum Permanente]	Construir engajamento coletivo para demandar o poder público.	Acompanhamento das discussões GT atuação política estratégica, como conselheiro. [MÉDIO PRAZO]
		Elaborar estratégias de posicionamento e proteção durante período eleitoral [como capitalizar apoio político e viabilizar garantias básicas para a cultura]	
		Pressionar mais a Câmara e o Ministério Público em defesa do setor cultural em GV [articular a comprovação de denúncias de não atendimento, parcialidade nas decisões, ausência de isonomia, etc]	
	Criar GT controle social e monitoramento da ocupação dos espaços e equipamentos culturais públicos.	Reivindicar transparência sobre os procedimentos para ocupação desses espaços	
		Denunciar sucateamento de espaços e equipamentos e/ou tratamento privilegiado.	
	Criar GT rede de proteção e assessoria	Definir grupo linha de frente com pessoas	

	jurídica	estratégicas [e diversas] com especial atenção à ocupação cultural de praças e ruas. Criar ou usar canais institucionais para denúncia de violência policial e violação de direitos humanos relacionados à identidade e ação cultural.	
2. Território Cultural	Realizar o mapeamento de iniciativas culturais locais, movimentos, coletivos, ações e atividades culturais	Elaborar projeto de mapeamento com recurso previsto para equipe, deslocamento, dispositivo móvel, etc.	Apoio na elaboração de projeto de mapeamento cultural [MÉDIO PRAZO]
	Realizar mapeamento de espaços, equipamentos públicos, ações e atividades culturais	Articular parceria com a Universidade e outros atores. Formação de redes colaborativas.	
	Realizar mapeamento de grupos e coletivos culturais PCTs e do campo		Apoio na formação de redes colaborativas Oficina de Mobilização Social [CURTO PRAZO]
	Mapear financiadores para ampliação do acesso ao recurso financeiro	Identificar financiadores pelos agentes culturais locais	Apoio na identificação de meios e articulação com parceiros para captação de recursos [MÉDIO PRAZO]
	Mapear alternativas de captação de recursos para projetos com temáticas específicas como PCTs, pluralidade, diversidade, etc	Identificar alternativas de financiamento com fundos e TACs	

3. Formação em Cultura e Cidadania	Promover a formação cidadã voltada para a cultura e os direitos culturais	Elaborar cartilhas sobre temas de produção cultural, tais como alvará de espaço, licenciamento para ocupação de praças e ruas, direitos culturais, etc	Apoio na elaboração de um plano de formação para agentes culturais [MÉDIO PRAZO]
		Elaborar cartilha com linguagem e metodologia simplificada sobre direitos culturais e Sistema Nacional de Cultura	Workshop de elaboração de portfólio [CURTO PRAZO]
		Elaborar cartilha sobre políticas públicas de diversidade e cultura	
	Promover a formação técnica para servidores públicos atenderem o setor cultural e suas demandas	Elaborar cartilha em direitos humanos para segurança pública, dentre outros. Elaborar cartilha de escrita simplificada de editais, etc.	
	Promover formação técnica pública em arte e cultura para o setor cultural	Identificar as demandas específicas	Apoio na elaboração de projeto de formação técnica para técnicos em arte e cultura. [MÉDIO PRAZO] Oficinas técnicas em sonorização, iluminação, cenotécnica, cenário e figurino [MÉDIO PRAZO]
	Promover formação sobre PJ - associação, cooperativa ou OSC gerida por agrupamento de agentes culturais.	Promover intercâmbio de experiências entre grupos e coletivo na organização de rede da capoeira, entre outros.	Acompanhamento das discussões sobre PJ, elaboração de estatuto - associação, cooperativa ou OSC - dentre outras

		Identificar as demandas específicas e a possibilidade da rede se retroalimentar.	referências Oficina Mobilização, Ação Coletiva e Organização Social [CURTO PRAZO]
	Promover formação para Educadores Populares.	Identificar demandas específicas.	Apoio na elaboração de projeto específico para educadores populares [MÉDIO PRAZO]
5. Comunicação Popular	Viabilizar equipe mínima de comunicação para divulgação de atividades culturais.	Divulgar melhor as ações do setor cultural para evitar apropriação do poder público das iniciativas da sociedade civil.	Apoio na elaboração de projeto continuado de comunicação com agenda cultural, publicização de espaços e equipamentos, campanhas educativas e oportunidades de trabalho. [MÉDIO PRAZO] Oficina sobre Comunicação Popular (GCH - área de comunicação e Rabiola) [CURTO PRAZO]
		Divulgar equipamentos e oportunidades para a cultura.	
		Elaborar campanha de apoio às ações culturais em praças e parques, para adesão após as apresentações.	
GT #2 - ESPAÇOS, EQUIPAMENTOS E ATIVIDADES CULTURAIS			
Temas	Ação	Atividades	GCH
6. Programação Cultural e Comunitária	. Criar projeto de agenda de ocupação das praças e equipamentos pelos grupos culturais e artistas locais	Priorizar grupos, coletivos e artistas locais Intersetorialidade, envolve áreas como saúde, educação, esporte, etc.	Apoio na elaboração de projeto de programação gratuita em espaços e equipamentos culturais de GV, com artistas locais e convidados. [MÉDIO PRAZO]

	. Elaborar projeto para a Primeira Infância em parques e praças da cidade.	Desenhar projeto cultural para atender crianças em praças e parques; Fomentar o respeito à diversidade nas escolas públicas	Apoio na elaboração de projeto cultural gratuito para a Primeira Infância em praças e parques. [MÉDIO PRAZO] Elaboração de projeto Conexão Teatro GV - criação de um espetáculo sobre diversidade, com artistas locais + organização de programa socioeducativo [MÉDIO PRAZO]
	. Integrar campo-cidade por meio da cultura	Mapear potenciais espaços de cultura no campo Identificar demandas desses espaços e grupos que os utilizam Fortalecer potenciais espaços de cultura no campo com infra mínima de equipamentos e materiais	Apoio na elaboração de projeto de mapeamento, intercâmbio e programação cultural campo-cidade [MÉDIO PRAZO]
		Mapear grupos de cultura no campo Fortalecer a cultura das comunidades mais isoladas a ocuparem os espaços de cultura.	
GT #3 - PLURALIDADE, DIVERSIDADE e DESCENTRALIZAÇÃO			
Temas	Ação	Atividades	GCH

7. Memória e Acervo	Realizar registro de memória e tradição	Identificar e calendarizar as principais manifestações culturais, considerando diversidade identitária, antiguidade e urgência do registro.	<p>Apoio na elaboração de projeto ou série que contemple o registro das principais tradições culturais da região, considerando a diversidade na origem. [MÉDIO PRAZO]</p> <p>Oficina Memória e Acervo Cultural (GCH - área CPMT) [CURTO PRAZO]</p>
GT #4 - POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO E FOMENTO À CULTURA			
8. Democratização do acesso e Participação social	Criar mecanismos de acesso ao recurso público para a cultura	Estabelecer diálogo sobre calendário de acesso aos recursos culturais.	Acompanhamento das discussões GT democratização do acesso e participação social, como conselheiro [MÉDIO PRAZO]
	Criar alternativas de acesso a recursos para projetos com temáticas específicas como PCTs, pluralidade, diversidade, etc	Estabelecer diálogo sobre calendário de acesso aos recursos culturais para PCTs.	
	Apoiar com infraestrutura para os artistas e grupos locais, tais como empréstimos de banheiro químico, equipamento de som e luz, licenciamento simplificado, etc	Elaborar proposta básica construída pelos grupos para apresentar ao poder público.	Devolutiva Diagnóstico Participativo e Mostra Artística (GCH) [CURTO PRAZO]
	Efetivar o Conselho Municipal de Cultura para construção de fóruns, comitês e seminários para o setor	Dialogar com o poder público sobre o Conselho de Patrimônio, identificando com a cultura pode ou está participando	

	Criar espaços participativos para debate e elaboração de diretrizes para a política pública de arte e cultura	Elaborar no Fórum Permanente, as diretrizes básicas para as políticas públicas de cultura.	
--	---	--	--

CONCLUSÃO

Importante destacar que em todo este processo, evidenciou-se a necessidade de fomento e fortalecimento da ação coletiva e da organização social local. Analisando o quadro anterior por este prisma, o GCH se posiciona e reserva para si como resposta às demandas identificadas, o papel de parceiro coadjuvante, de compartilhamento das vivências adquiridas nestes 25 anos de espaço cultural de interesse público. O GCH está disponível para dar apoio na elaboração dos projetos e ações bem como acompanhar e aconselhar as discussões quando for necessário. Entendemos que este posicionamento representa a medida necessária para que a cultura em GV alcance uma liderança mais coletivizada entre os diversos atores que participaram e participam desse movimento pró cultura. Portanto, é como uma instância coadjuvante, de acompanhamento, aconselhamento e de articulador de parcerias e apoio na elaboração de projetos, que o GCH deseja dar continuidade à sua participação nesta iniciativa.

Sabendo da importância em manter e ampliar a mobilização do setor, o GCH propõe algumas ações de CURTO PRAZO, objetivas e complementares ao que foi debatido e vivenciado até aqui na perspectiva de fortalecer as questões mais imediatas e proporcionar a continuidade do encontros, são elas:

Quadro 11 - AÇÃO CULTURAL - CURTO PRAZO

Ação	Período	Detalhamento
1) Diagnóstico Participativo com Mostra Artística (GCH)	24 de Novembro, sexta-feira, das 19h às 22h* Disponibilidade (presencial) Laura Bastos, Samira Ávila e Chico Pelúcio	Durante a Devolutiva do Diagnóstico Participativo, o GCH propõe a pactuação entre os presentes quanto às ações desenhadas até Março/2024 [CURTO PRAZO] mas, principalmente, será demandado ouvir dos presentes se a forma e o conteúdo propostos neste Plano de Trabalho quanto aos projetos e ações [MÉDIO PRAZO] estão alinhadas com a expectativa do grupo e de que forma e qual a periodicidade que o grupo pretende se organizar para dar andamento ao que entendemos como GTs.
4) Oficina de Elaboração de Portfólio Artístico (GCH)	entre Janeiro e Fevereiro de 2024	Será articulada e detalhada após confirmação de interesse.
3) Oficina Mobilização, Ação Coletiva e Organização Social - Vivências Culturais das Juventudes (GCH e OJ/Fórum das Juventudes/AIC)	entre Fevereiro e Março de 2024	Será articulada e detalhada após confirmação de interesse.
4) Oficina Cultura e Comunicação Popular (GCH e Rabiola)	entre Fevereiro e Março de 2024	Será articulada e detalhada após confirmação de interesse.
5) Oficina Memória e Acervo Cultural (GCH)	entre Fevereiro e Março de 2024	Será articulada e detalhada após confirmação de interesse.

A seguir, destacam-se os projetos e ações de médio prazo previstos no Plano de Trabalho. O CIAAT concordando com a proposta de Plano de Trabalho, sugerimos que, durante a Devolutiva, seja feita a validação e a priorização dos projetos listados pelos demais atores envolvidos.

Quadro 12 - PROJETO CULTURAL - MÉDIO PRAZO

Projeto	O que	Parcerias e Financiamento	Complexidade 0 a 5	Prioridade 0 a 5
1) Apoio na elaboração de projeto de mapeamento cultural;	Projeto de mapeamento para compreensão do potencial de ocupação cultural e artística de Governador Valadares. Pretende conhecer e reconhecer os espaços, artistas, grupos, eventos e as iniciativas locais dentro do perímetro urbano, nas periferias e no campo.	Universidade Poder Público Emenda parlamentar	5	5
2) Apoio na elaboração de projeto continuado de comunicação;	Pretende proporcionar outros modos de ver e enxergar cultura e a arte. A partir do mapeamento, o projeto pode identificar diferentes formas de comunicar, por diferentes canais de comunicação (para diferentes redes sociais, diferentes conteúdos).		4	4
3) Apoio na elaboração de projeto de programação gratuita em espaços e equipamentos culturais de GV, com artistas locais e convidados;	Pretende movimentar a cena cultural valadarense, ocupar teatros, praças e parques.	É estratégico dividir a responsabilidade de articulação entre produção de fora e local, trazer artistas convidados de fora e prestigiar os artistas locais.	4	4
4) Apoio na elaboração de um plano de formação para agentes culturais;	Projeto pretende dar conta de uma formação em produção e gestão (elaboração de projetos, portfólio, formação técnica (sonorização e iluminação, figurino e cenário) e cidadã (formação em direitos culturais, direitos humanos, direitos de povos e comunidades tradicionais).	Pode ser realizado em módulos, com diferentes parceiros por módulo	3	3
5) Apoio na elaboração de projeto específico para educadores populares;	Demanda conhecer o mapeamento cultural de GV para identificar as demandas específicas dos territórios.		3	3
6) Apoio na elaboração de projeto cultural gratuito para a Primeira Infância;	Pretende trazer programação cultural para a cidade com foco em crianças. A ação pode fortalecer o projeto anterior, se realizado logo	É estratégico dividir a responsabilidade de articulação entre produção de fora e	3	3

	na sequência, talvez em época de férias ou semana da criança. Importante ações centralizadas e descentralizadas com o mesmo destaque .	local, trazer artistas convidados de fora e prestigiar os artistas locais. Planejar para que esta ação possa ser calendarizada na cidade.		
7) Apoio na elaboração de projeto de mapeamento, intercâmbio e programação cultural campo-cidade;	Projeto complementar àquele apresentado na primeira linha da tabela. Importante elaborar ação casada, talvez, ao realizar mapeamento cultural no campo, levar atividades formativas que atrairão este tipo de público a ser mapeado.	Universidade	3	2
8) Apoio na elaboração de projeto ou série que contemple o registro das principais tradições culturais da região;	Projeto de maior fôlego, demanda o mapeamento de PCTs, do campo para elaborar um calendário de manifestações e registrá-las. Produto: filme, série e/ou livro.	Produtora de audiovisual Poder público - Patrimônio.	5	2

No Plano de Trabalho ainda constam **demandas integralmente ou parcialmente contempladas** mas ainda sem a totalidade de **produtos vinculados**. Sugerimos que na Devolutiva haja um aprofundamento da discussão destes pontos, são eles:

Quadro 13 - AÇÕES PARA APROFUNDAMENTO DO DEBATE

Demandas
1) Acompanhamento das discussões GT Atuação Política;
2) Acompanhamento das discussões GT Organização Social - PJ, elaboração de estatuto - associação, cooperativa ou OSC - dentre outras referências;
3) Acompanhamento das discussões GT Democratização do acesso e Participação social.
4) Apoio na identificação de meios e articulação com parceiros para captação de recursos;
5) Apoio na formação de redes colaborativas;

Por fim, inserimos no Plano de Trabalho projetos e ações concebidas e realizadas anualmente na programação do GCH, que denominamos de Projetos da Casa, por entender que estas ações têm **potencial para dialogar com as demandas de GV**, podendo ser integralmente replicados se validados.

Quadro 14 - **PROJETOS GCH - ADAPTAÇÃO PARA GV**

Ação - Projetos da Casa (GCH)	Adaptação para GV
1) Núcleos de Formação e Pesquisa - oficinas técnicas em sonorização, iluminação, cenotécnica, cenário e figurino (GCH - área técnica e pedagógica)	Oficinas técnicas em sonorização, iluminação, cenotécnica, cenário e figurino (GCH - área técnica e pedagógica) [MÉDIO PRAZO];
2) Elaboração de um projeto socioeducativo nos moldes do Conexão Galpão	Conexão Teatro GV - criação de um espetáculo sobre diversidade, com artistas locais + equipe de agendamento/logística para organização de programa socioeducativo [MÉDIO PRAZO].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNSTEIN, S. R. A ladder of citizen participation. *Journal of the American Institute of Planners*, Abingdon, v. 35, n. 4, p. 216-224, 1969. » <https://doi.org/10.1080/01944366908977225>

Freire, Paulo, 1921-1997 *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* / Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FUNG, Archon. Varieties of participation in complex governance. *Public Administration Review*, 2006.

Menta, Letícia Firmato Esteves. *Relações de poder na política pública cultural de Governador Valadares a partir da implementação da lei Aldir Blanc* / Letícia Firmato Esteves Menta. Governador Valadares, MG : UNIVALE, 2021.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Governador_Valadares

<http://redeglobo.globo.com/tvgazetaes/raizes/noticias/2013/11/como-viviam-os-indios-botocudos-e-qual-eram-seus-costumes-no-es.html>

<http://pt.slideshare.net/williambarcello2/botocudos>

<https://doi.org/10.1590/S0103-40142009000100014>

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51743342>

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51494642>

<http://mg.gov.br/conheca-minas/historia>

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>

<http://www.valadares.mg.gov.br>